

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

SUELEN FRAGA FLESCH

LIVRO VIVO: o corpo como suporte de informação

Porto Alegre

2015

SUELEN FRAGA FLESCH

LIVRO VIVO: o corpo como suporte de informação

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal Do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Lizete Dias de Oliveira

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Neto

Vice Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe substituto: Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO EM BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Rodrigo Silva Caxias de Souza

CIP - Catalogação na Publicação

Flesch, Suelen Fraga.

Livro vivo: o corpo como suporte de informação /

Suelen Fraga Flesch. -- 2015.

67 f.

Orientadora: Lizete Dias de Oliveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade

de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de

Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Tatuagem. 2. Suportes da informação. 3.

Antropologia do corpo. 4. Informação. 5. Livro vivo.

I. Oliveira, Lizete Dias de, orient. II. Título.

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Campus Saúde –

Porto Alegre - RS - CEP 90035-007

E-mail fabico@ufrgs.br

Fone: (51) 3308.5067 Fax: (51) 3308.5435

FOLHA DE APROVAÇÃO

SUELEN FRAGA FLESCH

LIVRO VIVO: o corpo como suporte de informação

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia, pelo Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal Do Rio Grande do Sul.

Aprovado em 03 de julho de 2015

BANCA EXEMINADORA

Orientadora: Prof.^a Dra. Lizete Dias de Oliveira
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Profa. Me. Marlise Maria Giovanaz
Departamento de Ciências da Informação – UFRGS

Prof. Dr. Francisco Benfica
Professor da Unisinos

Dedico esse trabalho ao meu avô "neca".

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho apenas se tornou possível porque obtive a ajuda de muitas pessoas queridas que fizeram parte da minha vida ou ainda estão presentes nela. Gostaria de agradecer imensamente a paciência e o carinho além das valiosas dicas e ensinamentos dispendidos a mim pela querida professora orientadora Lizete Dias de Oliveira, muito obrigada por aceitar esse desafio junto comigo.

A todos os profissionais bibliotecários que já passaram pela minha vida durante esses anos de curso, muito obrigada pelos ensinamentos na prática. Aos amigos que fiz nos anos em que fui bolsista na Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS, em especial agradeço ao amigo Michel Maya Aranalde por sempre se lembrar de mim, pelas dicas e forças para realizar este trabalho e pelas risadas compartilhadas. Agradeço as queridas Bibliotecárias do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, Magda de Conto e Maria da Graça Silva, por todo carinho e conhecimentos compartilhados durante o período em que fui estagiária na biblioteca. Agradeço a todos os funcionários da biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, em especial as bibliotecárias Eliane, Cristiane, Vera Lucia, Ana, Vera Regina, Magda, Adriana, Eliana e Jaqueline. Vocês são exemplos de profissionais que eu levarei para o resto da vida, muito obrigada por tudo.

Minha vida nada seria se não fosse ela: mãe, muito obrigada por acreditar em mim, por sempre me apoiar e incentivar, te amo muito. Agradeço a presença em minha vida por mais de dez anos das amigas sempre incentivadoras e compreensivas: Carolina, Luiene, Keith e Michele, amo muito todas vocês. As colegas de faculdade que se tornaram minhas amigas: Mariana, Nicole, Gabriela, Bruna, Leticia, Suzane, Sophia e Aline obrigada pelas risadas, carinhos e conhecimentos compartilhados.

Agradeço ao amigo Alexandre Gentil, que mesmo estando distante geograficamente, sempre esteve presente ouvindo minhas lamentações e me apoiando. Muito obrigada por estar na minha vida, abestado. Ao amigo Felipe Akauan da Silva o meu eterno agradecimento pelas conversas com chá gelado e *cookies*, por além de ouvir meus lamentos me auxiliar dando dicas para a realização desse trabalho. A Maurício Zampiron, muito obrigada por ser meu amigo, obrigada pelos passeios de bicicleta e os concertos na mesma, obrigada pelas jantãs e almoços

compartilhados assim como as trapalhadas dos felinos das nossas vidas. Obrigada também pelas dicas para me concentrar na realização desse trabalho, te amo. Agradeço a colega, amiga e companheira de residência Flaiane Serpa por tudo que já vivemos juntas na faculdade, estágio e no dia-a-dia em casa. Obrigada pelos incentivos para a realização desse trabalho, por todas as conversas e brincadeiras, gostaria de dizer que apesar desse meu jeito “grosso” te amo, sua chata.

Agradeço a todas as colegas e também amigas que compartilharam os seus dias comigo durante o período de estágio na Biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. A Carmen, Silvana, Daniela, Vanessa, Karina, Greicy, Cristina, Kamila e Mikaela, obrigada pelos lanches e risadas compartilhadas assim também como as palavras de incentivos para que esse trabalho pudesse ser realizado.

Agradeço ao Érlon Jacques de Oliveira pelas trocas de ideias via e-mail, sem isso o conceito “livro vivo” não estaria completo. Ofereço o meu agradecimento a todos os “livros vivos” que andam por essa vida a fora, enchendo os nossos olhos com as suas tatuagens cheias de significados, que com certeza me inspiraram para que esse trabalho pudesse ser realizado.

*Quero ficar no teu corpo
Feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem*

Tatuagem – Chico Buarque

RESUMO

O presente trabalho aborda a possibilidade de o corpo humano ser percebido como um dos muitos tipos de suportes de informação. O corpo é tratado a partir da perspectiva da Antropologia do corpo, onde o mesmo é visto como uma construção social e cultural. Duas perspectivas sobre o corpo humano são traçadas, o desenvolvimento e criação desses corpos nas sociedades modernas e nas sociedades indígenas. Apresenta o conceito de livro vivo. Expõem o conceito de informação de acordo com as Ciências da Informação, traça um breve histórico sobre os diversos tipos de suportes da informação utilizados pela humanidade ao longo da sua existência. Realiza uma breve viagem na história das tatuagens e demonstra como as mesmas podem ser percebidas como informação.

PALAVRAS- CHAVE: Suportes da informação. Tatuagem. Livro vivo.

ABSTRACT

This paper discusses the possibility of the human body be perceived as one of the many types of media information. The body is treated from the perspective of anthropology of the body, where it is seen as a social and cultural construction. Two perspectives on the human body are drawn, the development and creation of these bodies in modern societies and indigenous societies. It introduces the concept of living book. Expose the concept of information in accordance with the Information Sciences, outlines a brief history about the various types of information media used by mankind throughout its existence. Performs a brief trip in the history of tattoos and demonstrates how they can be perceived as information.

KEY WORDS: Holders information. Tattoo. Book alive.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|--|----|
| Figura 1 | <i>Barbie</i> humana..... | 19 |
| Figura 2 | <i>Punk</i> dos anos 70..... | 20 |
| Figura 3 | Moda <i>Punk</i> | 21 |
| Figura 4 | Pintura corporal no II encontro de Medicina Tradicional. Porto Alegre, 2007..... | 23 |
| Figura 5 | Livro vivo..... | 25 |
| Figura 6 | Joelho tatuado de <i>Ötzi</i> | 26 |
| Figura 7 | A jovem filha dos Pictos (c.1585-88)..... | 27 |
| Figura 8 | Instrumento da tribo Maori utilizado para tatuar..... | 28 |
| Figura 9 | Guerreiro Maori..... | 29 |
| Figura 10 | Jovem marinheiro tatuado..... | 30 |
| Figura 11 | Rei Frederico IX da Dinamarca..... | 31 |
| Figura 12 | Máquina elétrica de tatuar..... | 32 |
| Figura 13 | Menino do Rio..... | 33 |
| Figura 14 | Adolescente da tribo Karajá..... | 35 |
| Figura 15 | Mulher Ainus..... | 36 |
| Figura 16 | Cabeça mumificada de guerreiro Maori..... | 37 |
| Figura 17 | Tatuagem japonesa feita com bambu..... | 38 |
| Figura 18 | Significado das tatuagens criminais primitivas..... | 40 |
| Figura 19 | Tatuagem <i>Yakuza</i> | 43 |
| Figura 20 | “Aberrações”..... | 44 |
| Figura 21 | Capitão Constantino..... | 45 |
| Figura 22 | Lady Tattoo (1909-83)..... | 46 |
| Figura 23 | Motoqueiros “Hell’s Angels”..... | 48 |
| Figura 24 | Livro encadernado com pele humana..... | 56 |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|---|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 | O CORPO..... | 15 |
| 2.1 | O corpo na sociedade contemporânea..... | 18 |
| 2.2 | O livro vivo..... | 24 |
| 3 | A TATUAGEM..... | 26 |
| 3.1 | A tatuagem tribal e oriental..... | 34 |
| 3.2 | A tatuagem criminal e em tempos de guerras..... | 39 |
| 3.3 | A tatuagem em exposição nos <i>freaks shows</i> até os dias atuais..... | 43 |
| 4 | A INFORMAÇÃO..... | 51 |
| 4.1 | Os tipos de suportes da informação..... | 52 |
| 4.2 | A tatuagem como informação..... | 58 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 61 |
| | REFERÊNCIAS..... | 63 |

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história, a humanidade expressa-se através de gestos, da fala e, mais tarde, da linguagem escrita. Adaptando-se ao mundo em que vive, comunica-se e registra informações através de imagens e posteriormente, do alfabeto fonético. As informações, desde o início de seus registros, necessitaram da materialidade de um espaço físico para serem gravadas. Os suportes da informação foram se modificando com o passar do tempo: as paredes das cavernas, rochas, barro, papiro, madeira ou bambu, peles de animais e humanas, metais, papel e digital (MARTINS, 1998).

Atualmente identificamos vários suportes da informação: os convencionais, que são utilizados com uma maior frequência, como o papel e os suportes não convencionais da informação, tais como filmes, discos, fitas cassetes, diapositivos, programas de computadores, CDs, DVDs, fotografias, microformas, globos, partituras e artefatos tridimensionais. Para a Biblioteconomia, que se ocupa da informação, os suportes não convencionais são um desafio. Como identifica-los, trata-los, armazená-los e disseminá-los são questões que estão sendo resolvidas à medida que os suportes não convencionais tornam-se cada vez mais presentes nos ambientes informacionais compondo e aumentando os seus acervos.

O presente trabalho pergunta: entre os suportes não convencionais da informação, pode-se incluir o corpo humano? Seria o corpo um portador de informações? Sim, se considerarmos que o corpo é uma construção social, um objeto lapidado/adaptado pelo homem para o viver em sociedade. Para a Sociologia e a Antropologia o corpo é uma construção social e cultural da humanidade e, sendo uma representação criada pelo homem, ele é diferente entre uma sociedade e outra (LE BRETON, 2006). Do ponto de vista da Biologia o corpo é um suporte que carrega uma das mais importantes informações para a sua própria existência da vida, o código genético. O homem, tornando seu corpo um instrumento, desenvolveu técnicas capazes de garantir sua sobrevivência e sua vida em sociedade. Como lembra Marcel Mauss, as mulheres da tribo Maori da Nova Zelândia, por exemplo, adotam um balanceio solto e articulado dos quadris, o que é extremamente admirado pelos homens da tribo, mas que aos olhos de uma pessoa externa parece até sem graça (MAUSS, 2003).

Num vai-e-vem entre cultura e natureza, nossos corpos vão sendo moldados de acordo com as experiências vividas socialmente. Através das pinturas e marcas corporais há séculos realizadas em diversas partes do mundo, podemos identificar nos corpos humanos as suas singularidades, sua cultura expressa na pele. Gravadas temporariamente ou para o resto da vida, tais marcas ou pinturas representam tribos, costumes de cidades, países, mas também a especificidade de cada comunidade ou indivíduo. Inegavelmente as marcas corporais transmitem informações, são suportes de informações no próprio corpo do indivíduo. A partir desse contexto, esse estudo pretende discutir como o corpo torna-se um suporte da informação? A fim de reconhecer o corpo como um suporte da informação, e para responder a essa questão, traçamos como objetivos, analisar o conceito de corpo na sociedade contemporânea, identificar os diversos tipos de marcas corporais e estudar a tatuagem como um registro de informação em um suporte vivo. Sendo um suporte, propomos à Biblioteconomia pensar no corpo humano como mais um dos suportes da informação, uma perspectiva até então não explorada.

Quanto à sua natureza, trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. As buscas de informação sobre o tema foram realizadas em fontes bibliográficas, impressas ou digitais, livros, periódicos, artigos científicos, teses e dissertações. Os procedimentos para a análise e interpretação dos dados foram: procurar pelo material bibliográfico em bases de dados online e em bibliotecas, selecionar o material pertinente, fichá-lo no momento da leitura das obras, analisar e interpretar os dados e as informações obtidas.

O trabalho está dividido em três grandes capítulos, além da introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo versa sobre o corpo humano, abordando a construção do corpo em sociedades tradicionais, a partir do exemplo dos grupos Kaingang, e na sociedade contemporânea, apresentando o conceito de livro vivo. O próximo capítulo traça um breve histórico sobre a tatuagem, apresentando os principais tipos de tatuagens, tais como a criminal, tribal, oriental, a tatuagem em tempos de guerra e as tatuagens expostas nos *freaks shows* do século XIX até a tatuagem nos dias atuais. O capítulo final aborda o conceito de informação de acordo com as Ciências da Informação, expõem os tipos de suportes da informação utilizados historicamente pelos homens e pretende discutir a tatuagem como informação registrada em um suporte vivo, o corpo humano.

Realizar esse estudo despertou para a oportunidade de ampliar as possibilidades dos suportes não convencionais da informação, contribuindo para a reflexão de uma área pouco explorada dentro da Biblioteconomia abrindo-a para a viabilidade de deslocamento da zona de conforto e proteção que representam os suportes convencionais da informação. Quem garante que no futuro não estaremos catalogando e indexando livros vivos? Os códigos de barras e microchips implantados na pele já são uma realidade. Quem duvida que quando frequentamos espaços públicos, com os olhos estamos folheando livros vivos, onde cada um marcou suas histórias na pele.

2 O CORPO

Estabelecer uma história do corpo seria muito complexo e arriscado, pois seriam infinitos os caminhos que poderiam ser tomados. O corpo é passível de inúmeras análises científicas e sociais (SANT'ANNA, 2006).

Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infindáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confrontar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo, escondê-los. Pesquisar seus segredos é perceber o quanto é vão separar a obra da natureza daquela realizada pelos homens: na verdade um corpo é sempre “biocultural”, tanto em seu nível genético, quanto em sua expressão oral e gestual (SANT'ANNA, 2006, p. 3).

Entre todas as possibilidades, este trabalho tratará o corpo humano como uma construção social e cultural, de um ponto de vista da Antropologia do corpo. A Antropologia, que com várias outras áreas do conhecimento desenvolveu-se durante o século XIX, baseava-se na oposição entre natureza e cultura. Contudo, assim como lembra Jocimar Daolio (1995, p. 35)

[...] torna-se impossível pensar a natureza humana como exclusivamente biológica e desvinculada da cultura. Pode-se afirmar que a natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura.

Difícil traçar um limite entre o biológico e o cultural. A construção sobre o que é a natureza pode variar de uma sociedade para outra, assim como a capacidade biológica de sentir dor, por exemplo. Como afirma Daolio (1995, p. 35), “[...] todos os seres humanos têm a capacidade biológica de sentir dor, mas o limite a partir do qual o indivíduo reclamará e passará a gemer é extremamente variável de cultura para cultura”, ou até mesmo de indivíduo para indivíduo dentro de uma determinada cultura. É através do corpo que somos capazes de vivenciar o nosso mundo, é através dele que sentimos, pois assim como afirma David Le Breton (2006, p. 7) “Antes de qualquer coisa, a existência é corporal”. É importante ressaltarmos que a palavra “corpo” da maneira como é empregada não quer dizer que esse “corpo” seja

autônomo, o que vemos são homens e mulheres, indivíduos capazes de controlar esses corpos. Não podemos esquecer que a ideia de corpo é também uma representação, assim conforme afirma Le Breton (2006, p.24),

É preciso ressaltar a ambiguidade que consiste evocar a noção de um corpo que só mantém relações implícitas, supostas, com o ator com quem faz indissolivelmente corpo. Qualquer questionamento sobre o corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende. O próprio corpo não estaria envolvido no véu das representações? O corpo não é uma natureza. Ele nem sempre existe.

As “técnicas do corpo” apresentadas por Marcel Mauss revelam o olhar do sociólogo e antropólogo sobre o corpo, definindo-as como: “Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo.” (MAUSS 2003, p. 401). Observando o comportamento de diversas tribos Mauss chegou a conclusão de que o primeiro instrumento do homem é o corpo. Sabemos que o homem vive em sociedade e que o corpo é o seu instrumento primário, pois através dele o homem é capaz de sentir diversas sensações como enxergar, cheirar, tocar e experienciar essas vivências com os outros indivíduos. Ao mesmo tempo em que moldamos os nossos corpos para viver em sociedade a sociedade também molda os nossos corpos. Como afirma Lévi-Strauss (2003, p. 12) “[...] cada sociedade impõem ao indivíduo um uso rigorosamente determinado do seu corpo”. O simples ato de saudação é moldado pela sociedade em que o indivíduo vive, ele pode variar entre um sinal de mão, um aceno de cabeça, aperto de mão, abraço, beijo no rosto ou na boca, mímicas e etc (LE BRETON, 2006). Assim também afirma Le Breton (2006, p. 26)

O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam o seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. A caracterização do corpo, longe de ser unanimidade nas sociedades humanas, revela-se surpreendentemente difícil e suscita várias questões epistemológicas. O corpo é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural.

Igualmente Le Breton (2006) afirma que o corpo é uma representação, mas que não podemos separar o homem do corpo, pois as representações do corpo são

representações da pessoa, o que gera uma grande complexidade. Quando afirmamos que o corpo é uma construção social devemos levar em conta a existência de milhares de sociedades, cada uma com suas particularidades. No mundo moderno podemos identificar uma grande diferença entre as culturas Ocidentais e Orientais, por exemplo, cada sociedade atribui um significado e uma utilidade para o seu corpo.

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra [...] Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais (LE BRETON, 2006, p. 28-29).

Os corpos humanos podem parecer muito semelhantes entre si fisicamente, mas por ser uma representação acabam sendo construídos pelas sociedades, que são, por sua vez infinitamente distintas umas das outras, por isso a complexidade do corpo. Em algumas culturas o corpo é diretamente marcado pela sociedade. As mudanças podem apresentar uma remoção, deformação ou acréscimo ao corpo, assim como nos relata Le Breton (2006, p. 59)

Essa modelagem simbólica é relativamente freqüente nas sociedades humanas: ablação ritual de um fragmento do corpo (prepúcio, clitóris, dentes, dedos, tonsura, etc.) marcação na epiderme (escarificação, incisão, cicatriz aparente, infibulação, modelagem dos dentes, etc.); inscrições tegumentares na forma de tatuagens definitivas ou provisórias, maquiagem, etc.; modificações da forma do corpo (alongamento do crânio ou do pescoço pelo procedimento de contenção, deformação dos pés, constrição do ventre por bandagem apertada, “engorda” ou emagrecimento, alongamento dos lóbulos das orelhas, etc.); uso de joias ou objetos rituais que deformam o corpo: anéis de junco e pérolas que provocam, com o crescimento do indivíduo, um alongamento do pescoço, inserção de discos nos lábios superiores ou inferiores. O tratamento dos cabelos, ou mais geralmente do sistema piloso, é outro tipo de marcação corporal sobre o qual o coletivo tende a exercer um controle rigoroso.

Cada sociedade atribui uma função diferente para essas modificações corporais, que podem ser instrumentos de sedução, de pertencimento ou exclusão de uma tribo e da natureza que o cerca. Le Breton (2006, p. 60) sobre o povo Bafia, da África Ocidental, conta que “não podem distinguir-se dos animais das selvas sem suas escarificações”. A sociedade ocidental contemporânea só conhece formas mais

atenuadas da marcação corporal, como as tatuagens, as maquiagens, os *piercings*, escarificações e etc., formas essas que serão apresentadas no tópico a seguir.

2.1 O corpo na sociedade contemporânea

O corpo humano na sociedade ocidental contemporânea é visto como um objeto, uma “coisa” que pertence ao homem, o corpo deve ser melhorado, aprimorado e preservado, assim como esclarece Le Breton (2003, p. 15)

No discurso científico contemporâneo, o corpo é pensado como uma matéria indiferente, simples suporte da pessoa. Ontologicamente distinto do sujeito, torna-se um objeto à disposição sobre o qual agir a fim de melhorá-lo, uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal, e não mais uma raiz de identidade do homem.

Essa ideia contemporânea do corpo se inicia juntamente com a idealização e desenvolvimento do individualismo entre os séculos XIV à XVII no período renascentista. O saber biomédico também é responsável por essa ideia de que o corpo é uma posse do ser humano, pois o homem passa a tratar o corpo como “o meu corpo” e também como uma “coisa sua” (LE BRETON, 2011). Nos dias atuais, em nossa sociedade, torna-se possível estabelecermos uma relação ainda mais estreita entre o corpo e a tecnologia. O corpo continua sendo uma construção social e, portanto se nossa sociedade torna-se cada vez mais tecnológica, o corpo também acaba se tornando, assim como afirmam Couto e Goellner (2009, p. 9)

O corpo é, por excelência, um objeto da cultura. Considerando o fato de que, nas últimas décadas, a cultura ocidental se tornou tecnológica, é no nosso cotidiano, nas suas relações de produção e de troca, que o corpo mutante é construído e infinitamente celebrado.

As alterações corporais realizadas em nossa sociedade andam de mãos dadas com a medicina, a tecnologia e a cultura ocidental. As tecnologias contemporâneas modificam e potencializam o corpo, por meio de próteses naturais e artificiais, cirurgias plásticas, implantes, transplantes e etc. Todos esses procedimentos levam alguns autores contemporâneos a classificar os corpos que passam por essas transformações como “corpos mutantes” (COUTO; GOELLNER, 2009).

Figura 1 – Barbie humana



Fonte: <http://www.barbiehumana.net/>

Muitas das alterações corporais realizadas atualmente em nossa sociedade estão tão enraizadas em nossa cultura que nem notamos. Ao utilizarmos maquiagens, realizarmos dietas ou ao “malharmos” excessivamente estamos provocando alterações em nossos corpos. Uma “*barbie humana*”, representada na figura 1 é um dos exemplos extremos sobre os corpos mutantes encontrados em nossa sociedade hoje em dia, assim como afirma Le Breton (2003, p. 28)

Os psicotrópicos cinzelam o humor, a cirurgia estética ou a plástica modifica as formas corporais ou o sexo, os hormônios ou a dietética aumentam a massa muscular, os regimes alimentares mantêm a silhueta, os *piercings* ou as tatuagens dispensam de identidade sobre a pele ou dentro dela, a *body art* leva ao auge essa lógica que transforma o corpo abertamente no material de um indivíduo que reivindica remanejá-lo à vontade e revelar modos inéditos de criação. [...] Todas essas condutas isolam o corpo como uma matéria à parte que fornece um estado do sujeito. O corpo é o suporte de geometria variável de uma identidade escolhida e sempre revogável, uma proclamação momentânea de si.

Ainda que o corpo seja tratado como um objeto pertencente ao homem, mesmo que o próprio homem não perceba, o seu corpo é a sua identidade, é o seu “ser” por completo, assim como Pires (2005, p.26) afirma lindamente, “O corpo aqui é o receptáculo e o propagador do que se passa na alma e na mente”. Igualmente Le Breton (2003, p. 29) afirma, “A interioridade do sujeito é um constante esforço de exterioridade, reduz-se à sua superfície. É preciso se colocar fora de si para se tornar

si mesmo. Mais do que nunca, repetindo Paul Valéry, ‘a pele é o mais profundo’”. Assim é possível identificarmos, e fica claro que o homem utiliza o seu corpo para se expressar. O que mantemos em nossas mentes, ideias e ideais, preferências e desgostos são todos de alguma forma expressos externamente pelos indivíduos em seus corpos ou através deles.

A cultura *Punk* em 1970 inicia uma nova “cultura” de marcas corporais. Essas marcas corporais abrangiam alfinetes transpassados pelo corpo, assim como ilustra a figura 2. O corpo era queimado, mutilado, varado, talhado, tatuado e entravado em trajes impróprios. A cultura *Punk* se mostrava inicialmente indignada com a sociedade da época e era através do seu corpo que a reclamação era feita (LE BRETON, 2003). Fica evidente o descontentamento com o sistema econômico que desemprega, escraviza e submete o homem, Leusa Araujo (2010, p. 69) afirma

a palavra de ordem dos *punks* é: ‘*no future*’. Espécie de síntese dos anos que se seguiriam até a globalização do final do século XX, os *punks* influenciaram, a partir dos anos 1980, o aparecimento de inúmeras tribos urbanas.

Figura 2 – Punk dos anos 70



Fonte: <http://www.pinterest.com/pin/498562621222785754/>

Com o avanço do capitalismo e da industrialização no século XIX, o corpo foi transformado em um instrumento de trabalho que deve ser educado e disciplinado para suprir as demandas desse modo capitalista e ao mesmo tempo em que torna o corpo do indivíduo apto a sobreviver no mesmo (PIRES, 2005). O tópico a seguir irá abordar as sociedades tradicionais, a partir do exemplo da sociedade Kaingang que, mesmo estando inserida na sociedade ocidental contemporânea, até mesmo dividindo os espaços urbanos com outros indivíduos, mantém o seu modo tradicional de relacionamento entre os indivíduos a ela pertencentes.

Ao falarmos do corpo humano é necessário expormos o modo como o corpo é percebido pelas sociedades indígenas. Dentre as sociedades indígenas do Brasil, os Kaingang, pertencem ao grupo linguístico Jê Meridional. São vinculados culturalmente às sociedades Jê-Bororo, uma das mais numerosas populações indígena no território brasileiro (SILVA, 2005), vivendo atualmente em quatro estados do Brasil: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Pode-se dizer, de forma genérica, que o corpo humano nas sociedades indígenas brasileiras é percebido de forma diferente de como o representamos na tradição ocidental. Ao contrário do que ocorre nessa última, as sociedades do Alto Xingu, por exemplo, não fazem distinção entre processos fisiológicos e processos sociológicos ou entre transformações corporais e mudanças na identidade social ou na posição social (SILVA, 2005, p. 92).

Em sociedades indígenas o corpo humano é submetido periodicamente a processos intencionais de fabricação, o humano deve ser moldado pela cultura. Nos momentos de transição do indivíduo (nascimento, adolescência, maturidade e morte) um novo papel social é fabricado, quando com determinadas técnicas do corpo, a sociedade intervém sobre o indivíduo e submete seu corpo a uma determinada normalização sócio-fisiológica (SILVA, 2005).

Para os Kaingang do Rio Grande do Sul, por exemplo, após a morte de um dos membros de um casal da tribo o cônjuge vivo deve submeter-se a muitos rituais, como a reclusão, o ritual do *vokrê* (envolve o uso de ervas que enfraquecem e fazem com que o indivíduo que as ingeriu coloque “pra fora” do seu corpo tudo aquilo que era considerado do outro, do seu companheiro). Um ritual que costumava ser praticado pelos Kaingang era o ato de esfregar no corpo das crianças e dos

adolescentes, algum alimento feito de milho, com o objetivo de fortalecer e fazer o corpo crescer (SILVA, 2005). Certos rituais possuem um significado para toda a tribo, são realizados publicamente em cerimônias festivas e são nesses rituais que segundo Sergio Baptista da Silva (2005, p. 94), o corpo é pintado e tratado como uma tela social.

[...] no ritual do kiki, por exemplo, a lógica reinante é aquela da esfera pública, de aspectos jurídicos e políticos, e que acontece em um espaço não-doméstico, num espaço de exibição do corpo, na festa. É o momento em que o corpo é usado como tela e, no caso Kaingang, como tela/suporte de significados sociológicos: marcas pintadas no corpo que indicam as metades e os papéis sociais e rituais advindos da nomação.

Sergio Baptista da Silva (2002) afirma que, para os *Kaingang* que vivem próximos às bacias do Rio dos Sinos e do Lago Guaíba as suas pinturas corporais representam o dualismo xamã existente na sua cultura. *Kainru* é o mais frágil, feminino, é representado em pinturas pela cor vermelha e em formato de círculos ou manchas, *Kamé* é mais forte, masculino, é representado pela cor preta e seus traços são compridos. O corpo Kaingang é especificamente moldado pela sociedade em que vive. Os corpos pintados, as danças e as músicas remetem a noções que dizem respeito à força mágica, ao credo na eficácia que não é só física, mas também moral. Esses rituais além de fazerem com que o indivíduo torne-se pertencente à sociedade em que vive, eles o distinguem dos demais corpos (SILVA, 2005).

Figura 4 – Pintura corporal no II encontro de Medicina Tradicional. Porto Alegre, 2007



Fonte: Objetos-sujeitos de Luis Fernando Caldas Fagundes e João Mauricio Farias

2.2 O livro vivo

Fica evidente que o corpo do homem é utilizado como um suporte para expressar algo. Leusa Araujo (2010, p. 65) afirma, “Parece teimosia. Mas é o corpo que não para de emitir mensagens, como um velho sobrevivente feito de carne, na grande máquina de produzir imagens e espetáculos”. Os motivos são diversos, assim também como a forma que a tatuagem é feita, os instrumentos que são utilizados, as cores, os *designs* e etc. Homens e mulheres, adolescentes e idosos, de todas as “tribos urbanas” podem se tatuar, a subjetividade continua sendo imensa, assim como afirma Araujo (2010, p. 7),

Tatuagens, pinturas corporais e perfurações como os *piercings* sobrevivem até hoje. Renascem nas ruas como enfeites da moda, novas formas de criar beleza, talismãs modernos. Emitem sinais de rebeldia, de apego ao passado, e chegam a virar prova de resistência à dor... É o corpo transformado num verdadeiro manifesto do estilo de vida que cada um quer ter.

O homem utiliza o corpo como linguagem, e mais explicitamente nos dias atuais se utiliza das tatuagens para exteriorizar na sua pele o seu interior. Uma frase ou até mesmo um parágrafo inteiro do livro favorito de um determinado indivíduo pode ser tatuado em sua pele, ou alguma imagem que represente o seu personagem preferido de um filme ou livro, as ideias são infinitas. Vivendo na sociedade ocidental capitalista, os indivíduos sentem necessidade de expressar suas insatisfações com o mundo, expressam também os seus amores, suas alegrias e suas ideologias, é através das modificações em seus corpos que a mensagem pode ser passada adiante.

São tantas as tribos que olham para o mundo construído pelo branco e não gostam nada do que veem! Enfeitados de tinta, metal e aço cirúrgico, fazem verdadeiros manifestos corporais. Sonhos de liberdade, de resistência e de salvação (ARAUJO, 2010, p.65).

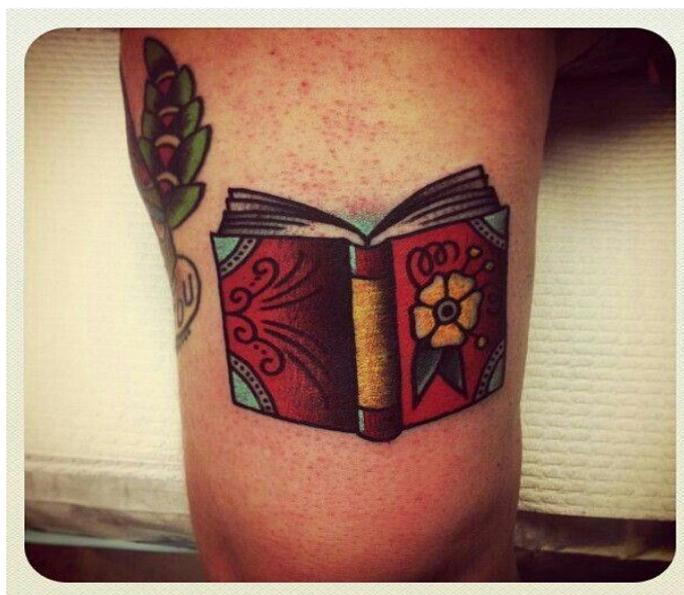
Os indivíduos que vivem nessa sociedade acreditam “possuir” os seus corpos, os tratam como a “capa” do seu livro da vida, como o seu “cartão de visitas”. Essas pessoas querem que essa capa mostre logo de imediato quem elas são, de onde

vem, quais as suas preferências e os seus pesares. Assim como diversas pessoas podem se identificar com a capa e o conteúdo de um livro, elas também podem se identificar com a tatuagem de outras pessoas tatuadas. Para algumas pessoas, aquilo que é gravado na pele é o seu sentimento mais verdadeiro, é a ideia de se tornar um livro vivo. “[...] O conceito livro vivo pode balizar uma nova forma de expressão, mais pessoal, verdadeira, intransferível e única (OLIVEIRA, E., 2014)”.

O modo como nos apropriamos do nosso corpo faz com que qualquer que seja a informação gravada nele, para a maioria dos tatuados, seja aquilo que gostaríamos de transmitir para o mundo, represente algo verdadeiro e de grande importância para o tatuado. Não podemos afirmar que todas as pessoas tatuadas racionalizam o ato de se tatuar da mesma forma, mas é possível afirmarmos que seja qual for a marca feita na pele ela significa algo para o indivíduo e poderá significar algo para outros que forem expostos a ela.

Os livros vivos somos todos nós, todos os corpos humanos. Mesmo que a mensagem não seja gravada explicitamente em nossa pele o corpo fala através das rugas, marcas e cicatrizes, a nossa pele vai registrando o passar dos anos, a nossa vida. Uma cicatriz cirúrgica, a marca de um machucado da infância, a marca de expressão do sorriso no rosto, todos esses momentos da nossa vida são registrados em nossos corpos, os nossos livros vivos.

Figura 5 – Livro vivo



Fonte: [https://s-media-cache-](https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/10/c7/a6/10c7a6b47f506176272759dc34c7.jpg)

[ak0.pinimg.com/736x/10/c7/a6/10c7a6b47f506176272759dc34c7.jpg](https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/10/c7/a6/10c7a6b47f506176272759dc34c7.jpg)

3 A TATUAGEM

As tatuagens são sinais inscritos visíveis na pele através da injeção de pigmentos coloridos ou monocromáticos na derme (LE BRETON, 2003). A história da tatuagem não tem data nem local de criação definido. Ela pode ter sido criada uma única vez e se espalhado pelos continentes através da migração do homem, ou ela pode ter sido recriada diversas vezes em lugares diferentes do globo terrestre por motivos também distintos. O mais antigo corpo tatuado de que se tem notícia é o de *Ötzi*, o Homem de Gelo, que teria vivido há 5.200 anos. Seu corpo muito preservado, foi encontrado no ano de 1991 na região dos Alpes (MARQUES, 1997) com várias marcas de tatuagens na pele. Na figura 6 observa-se uma das marcas de tatuagens em forma de cruz no joelho de *Ötzi*, pesquisadores acreditam que a marca pudesse ter sido feita com o intuito de ajudar a aliviar dores nas articulações (HALL, 2011).

Figura 6 – Joelho tatuado de *Ötzi*



Fonte: <http://ngm.nationalgeographic.com/2011/11/iceman-autopsy/clark-photography#/07-iceman-knee-tattoo-670.jpg>

As múmias são também provas temporais da existência das tatuagens ao redor do mundo desde os primórdios da humanidade. Algumas múmias egípcias foram encontradas com tatuagens em seus corpos, como uma das múmias tatuadas mais conhecida, a princesa *Amunet*, que trazia em seu abdômen vários pontos tatuados em forma de círculo. Pesquisadores interpretaram como um anúncio de que *Amunet*

poderia ter muitos filhos. Heródoto (485?–420 a.C.) registrou relatos sobre os *Pictos*, um povo que vivia no norte da Europa, esse povo possuía o corpo todo decorado (ARAUJO, 2010). A figura abaixo é uma representação de uma jovem Pictos produzida no século XVI pelo pintor Jacques Le Moyne de Morgues.

Figura 7 – A jovem filha dos Pictos (c.1585-88)



Fonte: Tatuagens, piercings e outras mensagens do corpo de Leusa Araujo.

As cores das pinturas e tatuagens variam muito de região em região, dependendo dos recursos oferecidos pelo meio-ambiente. Acredita-se que os primeiros elementos naturais utilizados para a extração dos pigmentos das tatuagens foram o carvão e o negro de fumo, de onde a cor preta era extraída. O carmim e o urucum também eram utilizados para a extração da cor vermelha (MARQUES, 1997).

O Capitão inglês James Cook (1728-79), que aportou o seu navio no Taiti na ilha da Polinésia Francesa em 1769, relatou em seu diário sua experiência com os nativos. Cook observou que eles utilizavam espinhas de peixes ou ossos de passarinhos para perfurar a pele e introduzir um pigmento à base de carvão e ferrugem. Foi Cook que pela primeira vez introduziu a palavra *tattoo* (inglês), pois os

nativos da ilha em sua língua chamavam a tatuagem de “*tatau*”, esse era o som feito durante a execução das tatuagens (MARQUES, 2009).

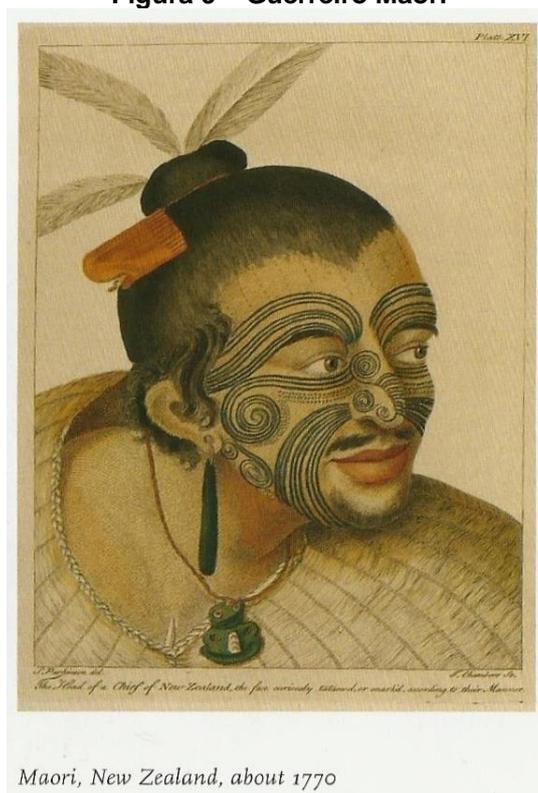
Figura 8 – Instrumento da tribo Maori utilizado para tatuar



Fonte: Tattoos de Henk Schiffmacher e Burkhard Riemschneider

James Cook também revelou ao resto do mundo a tatuagem tribal dos Maoris, da Nova Zelândia. Cook relatou que as tatuagens dos homens guerreiros eram impressionantes, formavam aspírais tão profundas na pele que pareciam entalhes na madeira (ARAUJO, 2010), assim como podemos ver na figura 9.

Figura 9 – Guerreiro Maori



Fonte: Tattoos de Henk Schiffmacher e Burkhard Riemschneider

Nos dias atuais a maioria das tintas utilizadas para as realizações das tatuagens são artificiais. A cor preta é constituída de Óxido de Ferro e Carbono. O amarelo é composto essencialmente de Sulfato de Cádmio. O azul é a base de Sais de Cobalto. Um dos componentes da cor verde é o cromo, é uma das cores que pode provocar reações alérgicas na pele (ARTE, 2012). A cor vermelha costumava ser feita a base de mercúrio e por isso provocava reações alérgicas na pele dos tatuados, hoje em dia a tinta vermelha é a base de carmim e outros elementos antialérgicos (MARQUES, 1997).

No século XIX a prática da tatuagem se espalha pelo mundo. Os marinheiros que formavam a tripulação das embarcações que viajavam pelos sete mares, estabeleciam contato com diversas culturas. A partir do contato dos marinheiros com os nativos tatuados, eles também começam a se tatuar e ao retornarem para os seus países de origem os marinheiros traziam consigo uma novidade para o mundo “civilizado”: a tatuagem (MARQUES, 2009). Os marinheiros costumavam tatuar desenhos que lembrassem o mar, como sereias, peixes e âncoras. Era comum

também a presença de tatuagens que os recordassem da “terra firme”, como o nome ou desenho de suas mulheres amadas, mães e filhos.

Quanto mais passageira e arriscada é a vida, maior o desejo de fazer as coisas durarem para sempre. De que outra maneira entender porque justamente marinheiros, estivadores, soldados, trabalhadores braçais e prostitutas tenham sido os principais difusores da tatuagem? Foram eles, tão expostos a morrer em tempestades, guerras, epidemias, acidentes, que fizeram de seus corpos veículos de transmissão de um costume que atravessou terras e mares (ARAUJO, 2010, p.52).

Esses profissionais que comprometiam suas vidas em trabalhos ariscados pareciam sentir uma maior necessidade de gravar na pele imagens ou dizeres que fossem capazes de lembra-los da vida além dos seus trabalhos. As tatuagens desses trabalhadores pode-se dizer, possuíam uma função de memória para aqueles que as carregavam. Um pássaro gravado na pele de um marinheiro, como mostra a figura 10, representa a ideia de retorno à terra firme (ARAUJO, 2010).

Figura 10 – Jovem marinheiro tatuado



Fonte: <http://jcmillerstudio.com/blog.html>

Depois que a tatuagem aportou em diversos países ela foi se popularizando entre as classes mais pobres da sociedade, como entre os trabalhadores dos portos, prostitutas, criminosos, operários, soldados e etc. Entretanto essa visão de que somente as pessoas mais pobres da sociedade faziam uso de tatuagens não era universal é relativizada pelo fato de que em países como Alemanha, Holanda e Inglaterra os reis, imperadores e aristocratas eram tatuados. O rei britânico Eduardo VII (1841-1910) tatuou-se nas suas viagens marítimas de instrução militar, atividade obrigatória para quem fosse subir ao trono. O rei da Dinamarca, Frederico IX (1899-1972) também possuía diversas tatuagem pelo corpo marcadas durante o treinamento com a marinha, como podemos ver na figura 11. Segundo ele foi uma experiência tão marcante para a sua vida que julgou necessário marcar também em sua pele, essas tatuagens tornavam-se a marca do conquistador branco (MARQUES, 2009).

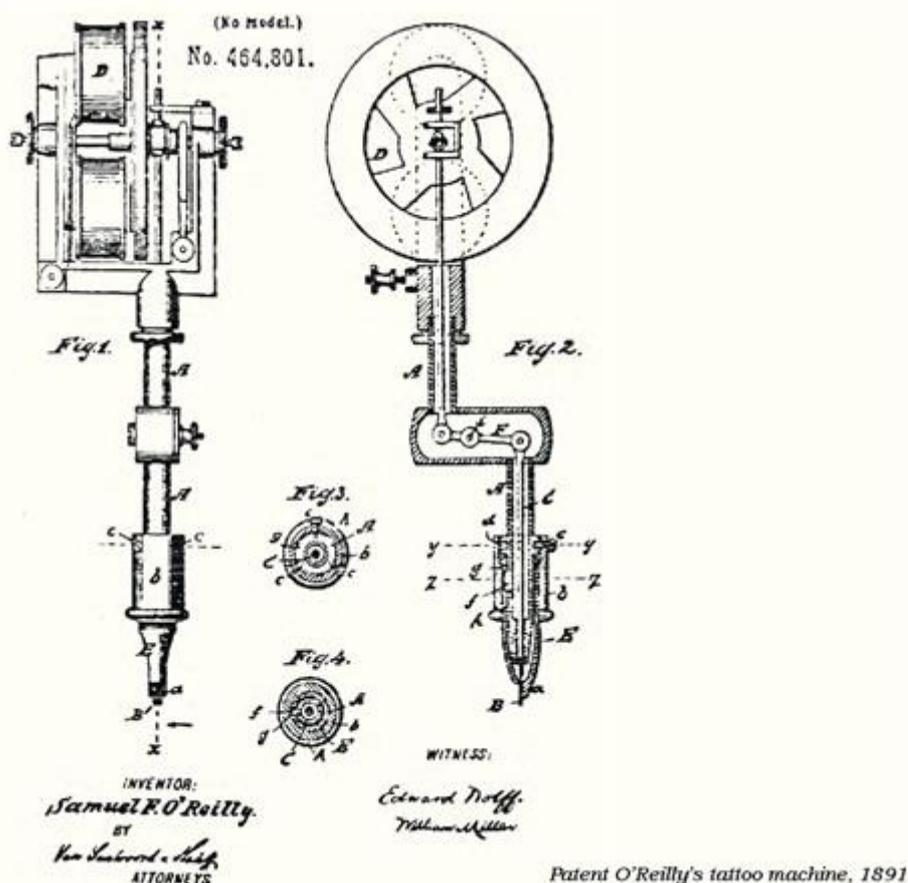
Figura 11 – Rei Frederico IX da Dinamarca



Fonte: <http://www.maisdigital.com.br/blog/tecnologia/como-a-arte-das-tatuagens-coloriu-a-historia-do-mundo/>

Em 1876, Thomas Edson criou a caneta elétrica cuja finalidade era perfurar o papel criando uma cópia em estêncil do original. A partir da invenção de Edson, o inglês Samuel O'Reilly modifica e adapta a caneta elétrica para uma “caneta de tatuar”. A máquina elétrica de tatuar inicialmente foi idealizada contendo agulhas múltiplas, mas podendo haver a opção de utilizar apenas uma agulha e contava com um reservatório de tinta. A máquina fazia com que as agulhas oscilassem perfurando a pele e introduzindo a tinta. No ano de 1891, O'Reilly patenteou a máquina elétrica de tatuar (OLIVEIRA, F. 2013). O desenho do modelo da máquina elétrica de tatuar pode ser visto na figura 12 deste trabalho.

Figura 12 – Máquina elétrica de tatuar



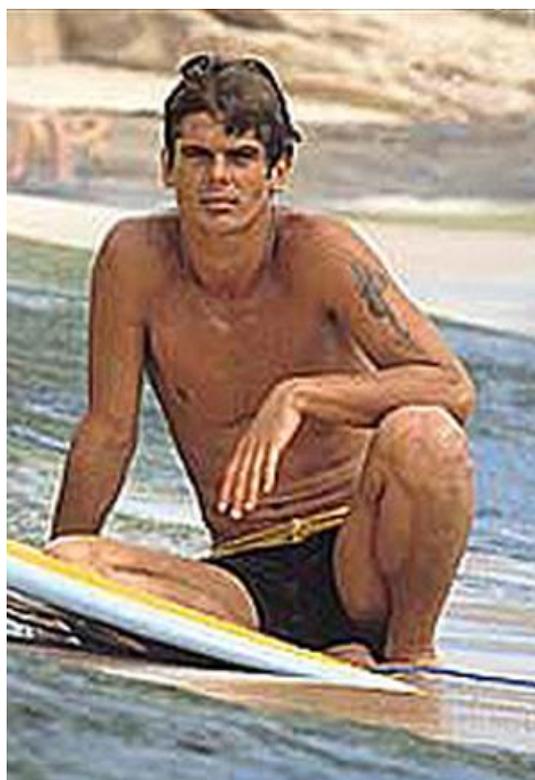
Fonte: <http://www.tattooplatform.nl/120-jarig-bestaan-van-de-tattoo-machine>

Segundo Marques (2009), No Brasil durante o século XX, os marinheiros, os operários e as prostitutas haviam tatuado seus corpos com tatuadores amadores estrangeiros que passavam pelos portos. Com a criação da máquina se iniciou uma lenta difusão da prática da tatuagem, lojas de tatuagens começam a ser abertas em

várias capitais do Brasil durante as décadas de 1970 e 1980 devido ao aumento das facilidades em adquirir a máquina.

Foi justamente na cidade de Santos, um dos maiores portos brasileiros que o ex-marinheiro Dinamarquês Knud Harld Likke Gregersen (1928-1983) tornou-se o primeiro tatuador profissional do Brasil. Knud, também conhecido como “*Tattoo Lucky*”, chegou ao Brasil no ano de 1959, desembarcando em Santos como desenhista e pintor. Nos anos 1970 Lucky alcança a fama nacional, pois com a popularização da tatuagem nos Estados Unidos, os jovens brasileiros também decidem “entrar na moda”; são eles os responsáveis pelo sucesso do tatuador. Os surfistas do Rio de Janeiro e São Paulo procuram o estúdio de *Lucky* para se tatuarem. O surfista carioca José Artur Machado (Petit) ajudou a popularizar a tatuagem no meio da classe média urbana. Seu “dragão tatuado no braço” foi cantado por Caetano Veloso na música “Menino do Rio”, que fez parte da trilha sonora da telenovela “Água Viva” da Rede Globo. Após o dragão de Petit e a música de Caetano a tatuagem se populariza e conquista todas as outras “tribos” do Brasil (MARQUES, 2009).

Figura 13 – Menino do Rio



Fonte: <http://osensato.wordpress.com/2013/02/17/o-verdadeiro-menino-do-rio/>

Nos dias atuais a prática da tatuagem torna-se cada vez mais popular. Não somente a tatuagem, mas diversas formas de marcas corporais podem ser encontradas nos corpos dos moradores das mais diversas cidades do nosso país. Conforme essa breve história da tatuagem vai se desenvolvendo é possível identificarmos que assim como o corpo é construído cultural e socialmente as tatuagens também o são. Inúmeros “tipos” de tatuagens podem ser identificados através da existência de diversas culturas. Não podemos estabelecer apenas um único motivo pelo o qual o indivíduo da sociedade contemporânea busca marcar o seu corpo. As razões para carregar uma marca corporal são muito subjetivas e o motivo pode variar de indivíduo para indivíduo. Como afirma Araujo (2010, p. 21)

A comunicação através do corpo muda com o passar do tempo, de cultura para cultura e de região para região. Mas continua a desempenhar funções de identidade, memória, poder e beleza entre a maioria dos povos, especialmente os que não adotaram a escrita, como os indígenas. Está tudo escrito na pele.

Os tópicos a seguir abordarão com mais detalhes os tipos de tatuagens mais conhecidas e utilizadas ao longo da história, como elas eram feitas, com quais objetivos eram realizadas e que informações elas transmitiam e ainda transmitem.

3.1 A tatuagem tribal e oriental

As tatuagens tribais podem ser consideradas pioneiras na arte de tatuar. A era das grandes navegações (séc. XV a XVII) se encarregou de descobrir essas terras distantes e a cultura da tatuagem nas tribos locais. A forma como essas tribos se comunicavam eram distintas da forma do homem branco ocidental. Conforme já foi exposto anteriormente, o homem sente a necessidade de se diferenciar da natureza e dos outros homens e se identificar entre os seus. As tatuagens tribais exercem exatamente essa função, compõem a identidade dos membros de determinadas tribos, elas incluem ou excluem o homem a um determinado grupo e diferenciam-no da natureza.

O homem deve ter se julgado o mais sem graça dos bichos quando se viu nu e sem pelo diante da beleza dos outros animais. [...] Pior: nenhum sinal

no corpo que dissesse aos outros animais quem, afinal, ele era. [...] Olhou para o próprio corpo e desejou ser diferente. Esfregou pó de madrepérola na pele para deixá-la mais brilhante, misturou urucum com gordura para fazer tinta vermelha, e com um pincel feito de lasca de madeira criou lindos desenhos no corpo todo (ARAUJO, 2010, p. 11).

No interior dessas tribos as tatuagens adquirem diversos significados, mas todos com o intuito de marcar a passagem de um momento importante na vida dos membros da tribo como o nascimento, a adolescência, o casamento, as guerras e o luto. Entre as principais funções desempenhadas pelas tatuagens tribais estão as de marcar a identidade, de memória, poder e beleza dos membros das tribos. Na tribo *Enawenê-Nawê*, que vive na Amazônia, tatuam-se pontos na barriga ou nos seios das meninas para marcar a sua entrada no período fértil. Da mesma forma, durante a passagem da infância para a adolescência, entre os *Karajás*, dois círculos são tatuados em seu rosto, o processo é doloroso, pois é utilizado um dente de peixe-cachorro para picar a pele (ARAUJO, 2010).

Figura 14 – Adolescente da tribo *Karajá*



Fonte: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/karaja/373>

Segundo Leusa Araujo (2010), a tribo dos Citas que viveu há cerca de 2500 anos atrás, possuía guerreiros com os corpos tatuados. O corpo de um desses guerreiros foi encontrado em 1948 na Sibéria, foram identificados em sua pele

tatuagens de animais como peixes, ovelhas e carneiros localizados em seus braços, costas, no peito e nas pernas. Alguns nativos havaianos durante o período de luto tatuam pontos na língua, essa tatuagem impõe um silêncio temporário até que a cicatrização ocorra, porém a marca da perda permanecerá para sempre. As mulheres Ainus que habitam principalmente a ilha de Hokkaido, no norte do Japão, por motivos estéticos possuem os lábios aumentados e bem marcados com tatuagem.

Figura 15 – Mulher Ainus



Fonte: Tatuagens, piercings e outras mensagens do corpo de Leusa Araujo

Outro exemplo de tribo que utilizava as tatuagens como uma forma de demonstrar bravura eram os Maoris, que habitavam a Nova Zelândia. Quanto mais nobre era o guerreiro, mais tatuagens ele possuía, os rituais para tatuar completamente o rosto dos nobres e guerreiros chegavam a durar anos. Durante a guerra, os guerreiros Maoris vencedores mantinham guardadas as cabeças de seus inimigos (ARAUJO, 2010).

Figura 16 – Cabeça mumificada de guerreiro Maori



Fonte: Reuters/via BBC

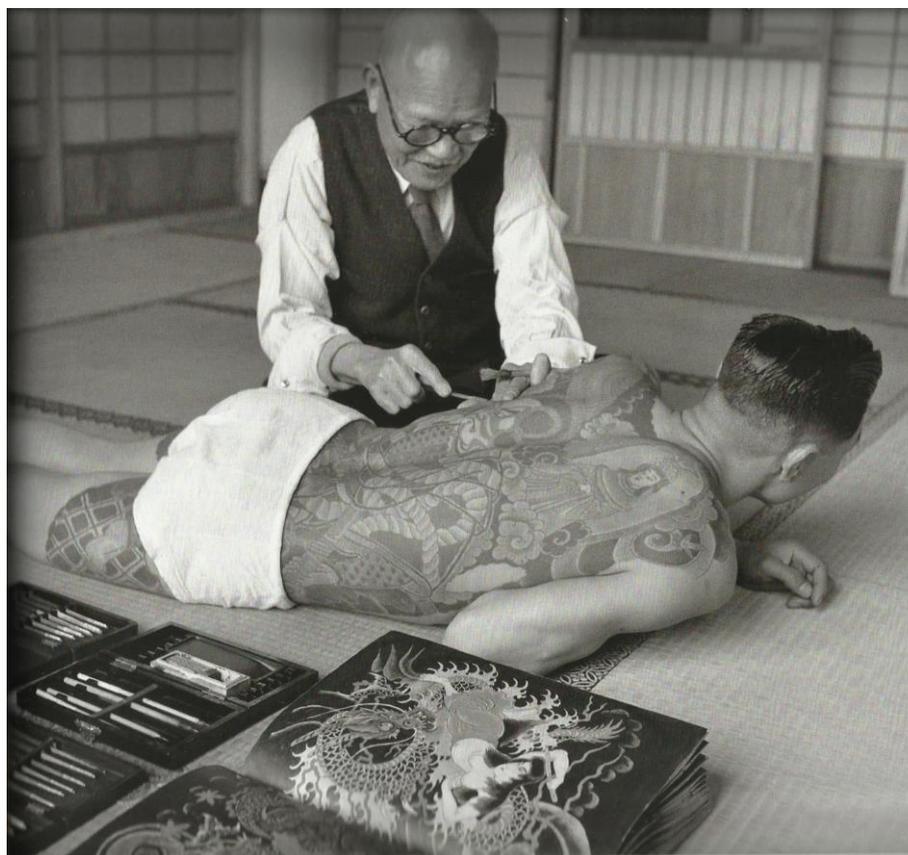
Inúmeras tribos em diversas partes do mundo se utilizaram da tatuagem para passar uma informação para o outro, seja esse “outro” um membro da própria tribo ou não. Os diversos exemplos expostos acima deixam claro que além de passar uma mensagem externa as tatuagens marcavam conquistas pessoais importantes na vida daqueles membros das tribos, tudo que era marcado na pele tinha a finalidade de expressar algo.

Espalhando-se pelo mundo todo, a tatuagem chega também no Japão. Acredita-se que a tatuagem tenha chegado pelo porto de Nagasaki, através dos chineses e coreanos que desembarcavam no porto entre 1660 a 1867. O desejo de se tatuar inicia-se por influencia dos personagens do *Suikoden*, uma novela chinesa do século XIV. Os heróis do romance lutavam em favor do povo e contra o governo, seus corpos eram tatuados com tigres, dragões e flores. As classes oprimidas pelo governo japonês, como os carpinteiros, pedreiros e carregadores reproduziram em seus corpos as pinturas dos personagens. A tatuagem japonesa é feita com um cabo de bambu afiado ou com agulhas na ponta. Segundo Araujo (2010, p. 58), “Até hoje, no Ocidente, a arte japonesa é vista entre os tatuadores como a mais refinada e a

mais rica – por se manter artesanal”. O tatuador apenas irá aceitar o trabalho de tatuar alguém se considerar que o motivo para fazê-la não seja banal (ARAUJO, 2010).

Não eram somente os homens que se tatuavam no Japão. Algumas prostitutas ou cortesãs gravavam em seus braços o nome do seu amante, e pontos no cotovelo que ao total somavam a idade do amante. Em 1812, a prática da tatuagem tornou-se ilegal no Japão, mas atraía cada vez mais a atenção dos povos europeus. Alguns nobres da Inglaterra e Rússia, durante as suas expedições acabaram se tatuando no oriente. George V foi o primeiro rei da Inglaterra a possuir um dragão tatuado em seu braço. No Japão a arte de tatuar foi proibida até o final da segunda guerra mundial, por isso ainda hoje a tatuagem é relacionada com a máfia e o comércio de peles. Algumas peles tatuadas acabam sendo vendidas para o comércio, essas peles são curtidas e utilizadas de formas decorativas. Há pouco tempo no Japão a tatuagem começou a se tornar uma moda meramente estética. (ARAUJO, 2010).

Figura 17 – Tatuagem japonesa feita com bambu



Fonte: Tatuagens, piercings e outras mensagens do corpo de Leusa Araujo

O ato de se tatuar artesanalmente no Japão é repleto de significações. Os desenhos ainda baseados no *Suikoden* representam uma forma das classes mais baixas da sociedade se fortalecer contra o governo, mostrar resistência e união, identificando-se como os heróis da literatura. A tradição, a honra, a força e a coragem são as principais significações das tatuagens orientais.

3.2 A tatuagem criminal e em tempos de guerras

Segundo Araujo (2010) desde a Grécia antiga a tatuagem já era utilizada como uma forma de punição, alguns escravos fugitivos depois de capturados recebiam contra a sua vontade uma tatuagem na testa com a seguinte frase: “pare-me, sou fugitivo”. Muitos escravos eram também tatuados com os nomes de seus senhores. Os gladiadores prisioneiros do Império Romano também exibiam em suas testas tatuagens que revelavam os crimes cometidos por eles. Os soldados ingleses que se recusaram a lutar na Primeira Guerra Mundial foram punidos com a tatuagem de uma letra “D”, de desertores. Na Segunda Guerra Mundial a tatuagem também foi utilizada para identificar na pele o tipo sanguíneo dos soldados nazistas, mais tarde essa tatuagem acabou auxiliando os exércitos inimigos a capturar os soldados membros do exército nazista, pois a mesma os identificava como tal.

Um dos maiores exemplos da utilização da tatuagem para marcar prisioneiros em tempos de guerras foi durante a Segunda Guerra Mundial, nos campos de concentração nazistas.

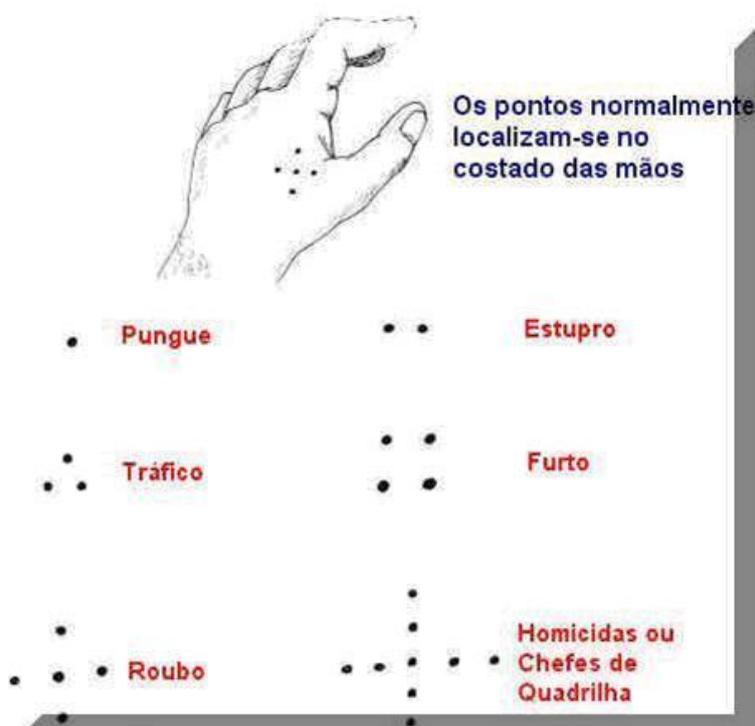
Ao chegar aos campos de concentração, após ser despojado de tudo o que ainda lhe permitisse manter sua identidade, o sujeito era marcado por um número tatuado em seu antebraço. A real função dessa tatuagem não era identificar o sujeito dentro do campo, mas sim identificá-lo a si próprio e aos outros como pertencente à escória social. A partir daí, o corpo deixava de ser uma estrutura física para constituir matéria-prima destinada a vários “experimentos” nazistas (PIRES, 2005, p. 63).

Um dos “experimentos” realizados pelos nazistas era a utilização da pele tatuada e curtida desses prisioneiros para forrar luminárias e até mesmo sofás (PIRES, 2005). As tatuagens criminais também existem há muitos anos, a tese de José Ignácio de Carvalho, apresentada em 1912, enumerava as tatuagens dos presos

de uma casa de detenção no Rio de Janeiro (CARVALHO, 1912). Nesse estudo preliminar de 1912 foi possível dar significado às tatuagens utilizadas pelos detentos. Um ponto tatuado na mão de um detento significa que ele é um “batedor de carteira”, dois pontos significam “estupro”, três pontos significam “traficante ou viciado” e assim segue a quantidade de pontos tatuados nas mãos de acordo com algum significado no mundo do crime.

Esse tipo de tatuagem criminal em forma de pontos é uma das formas primitivas, mas ainda é utilizada até os dias atuais (TOFFOLLI, 2005). Ao entrar em um presídio, o detento não leva praticamente nada seu, nenhum objeto que componha a sua identidade, ele entra apenas com o seu próprio corpo. Dentro do presídio existem relações sociais distintas das existentes na sociedade, os detentos não dispõem das mesmas liberdades que qualquer cidadão livre possui, a forma de se comunicar irá ser diferente e por isso o uso da tatuagem para passar essa informação e por isso o uso do corpo para carregá-la. Apenas com um olhar será possível saber que crime aquele detento cometeu ou a que “ganguê” ele pertence.

Imagem 18 – Significado das tatuagens criminais primitivas



Fonte: <https://housesofmaryjanes.files.wordpress.com/2008/11/ponto-na-mao.jpg>

A tatuagem criminal se caracteriza pela rigidez com que se constitui como linguagem. Assim como a marcação de cunho etnográfico, este estilo de tatuagem tem como função primordial incluir ou excluir um determinado indivíduo de um grupo, por meio da marca que este traz tatuada no corpo. [...] a representação de símbolos criminais segue uma ordem rígida modificada de acordo com convenções internas ao grupo que a utiliza, prevê atribuição hierárquica e revela um forte código guiado não pela lei escrita, mas pela honra [...] (TOFFOLLI, 2005, p. 3).

Vários estudos sobre as tatuagens criminais são feitos na área do Direito e da Psicologia. Hoje em dia no Brasil, esses estudos são capazes de revelar o significado de inúmeras tatuagens além das primitivas. A imagem de uma pistola tatuada na perna representa que o portador da mesma é um praticante de assalto seguido de morte. Um molho de chaves ou um cadeado denunciam os maus-tratos sofridos na cadeia (ARAUJO, 2010). A imagem da Nossa Senhora da Aparecida, por exemplo, é uma tatuagem carcerária que pode possuir mais de um significado. A imagem da Santa em um tamanho pequeno e localizada no peito ou nas costas significa proteção e esperança para os detentos, mas essa mesma imagem em um tamanho maior e nas costas tem o significado de identificar o preso que sofreu violência durante o cárcere e ao mesmo tempo marca um estuprador (TOFFOLLI, 2005).

A imagem utilizada é a mesma, a da Nossa Senhora da Aparecida, mas ela é capaz de significar coisas diferentes de acordo com o tamanho que ela é desenhada e em que parte do corpo. O corpo agora se torna tão importante quanto a imagem, pois o local onde a imagem é gravada também passa uma mensagem. É uma combinação do significado da imagem mais o significado do local no corpo.

A tatuagem nas prisões brasileiras é realizada de um jeito bem primitivo e que pode acarretar riscos à saúde. São utilizadas escovas de dente com a ponta afiada ou com agulhas acopladas a elas, ligadas a um motor de barbeador ou outros mais primitivos e a tinta utilizada é a de canetas esferográficas (ARAUJO, 2010).

No Japão, em meados do período Edo (1603-1868), tem origem uma das mais tradicionais organizações criminosas do mundo: *Yakuza*. Os integrantes dessa máfia necessitam seguir algumas regras para que possam participar da mesma, um dos rituais é a prática de preencher o corpo com tatuagens. Essas tatuagens levam anos para serem finalizadas, são os tatuadores os responsáveis pela escolha do desenho que será aplicado no membro da máfia, o tatuador é também um integrante da

mesma e deve conhecer a jornada de vida do tatuado dentro da organização para que o desenho seja adequado para o mesmo (OLIVEIRA, 2012).

As imagens gravadas na pele tem sua origem baseada no teatro *Kabuki*, a estilização do drama e a maquiagem utilizada pelos atores eram o diferencial desse estilo teatral. Os desenhos mais comuns tatuados são os dragões, símbolos de masculinidade e proteção. O tigre, símbolo do perfeccionismo, da coragem e da força. O peixe carpa, quando tatuado no sentido ascendente simboliza a força para alcançar os objetivos e as carpas no sentido descendentes significam que os objetivos foram alcançados. Todos esses desenhos e vários outros como: flores de cerejeiras, samurais e flores de lótus, devem sempre aparecer nessas tatuagens em pares (OLIVEIRA, 2012).

As tatuagens dos integrantes da máfia *Yakuza*, assim como as tatuagens tribais, possuem a função de identificar um determinado indivíduo como pertencente de um grupo ao mesmo tempo em que os diferencia dos demais. As informações transmitidas pelas tatuagens dos membros da *Yakuza* além de identifica-los como criminosos aos olhos da sociedade, carregam os significados pertencentes a cada desenho gravado na pele, assim como mostram os exemplos citados acima, masculinidade, força, coragem, proteção e perfeccionismo além de outros.

Figura 19 – Tatuagem Yakuza



Fonte: <http://meebal.com/yakuza-tattoos/>

3.3 A tatuagem em exposição nos *freaks shows* até os dias atuais

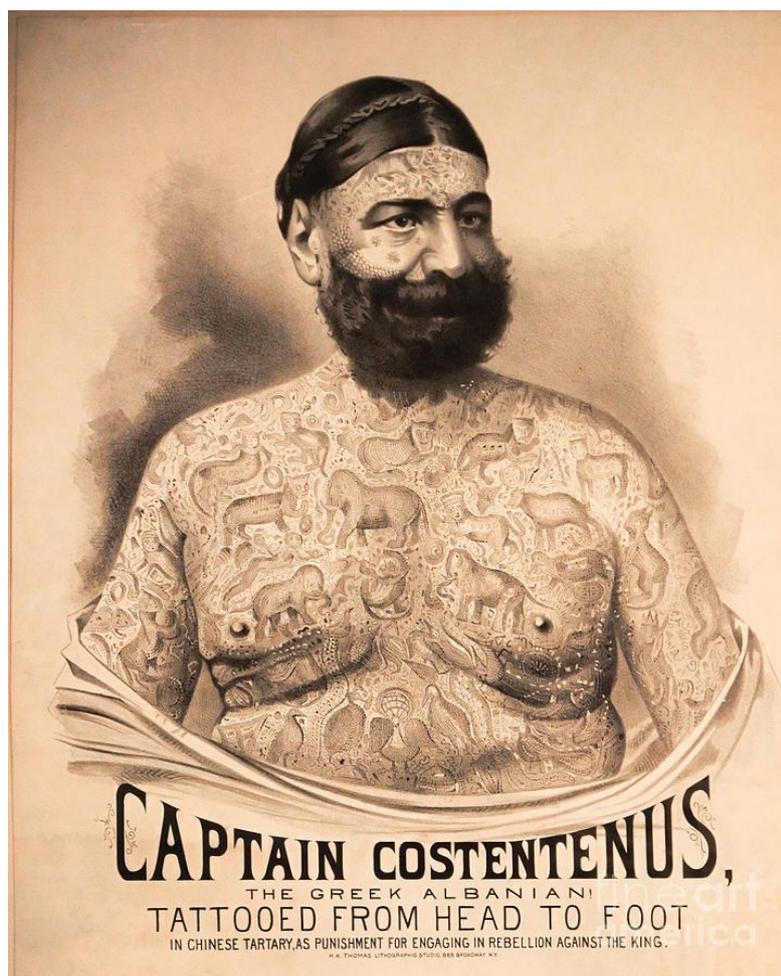
Na Europa e na América do Norte, durante o século XIX, a tatuagem torna-se uma atração de circo. Segundo Araujo (2010), Homens e mulheres que possuíam o corpo completamente tatuado apresentavam-se em espetáculos chamados de “*freak show*” - (circo de aberrações), esses espetáculos assemelhavam-se muito com os circenses, só que as suas atrações eram compostas principalmente de todo tipo de indivíduo que na época fosse considerado fora do “normal”.

Figura 20 – “Aberrações”



Fonte: <http://ffaasstt.swide.com/wp-content/uploads/2014/10/Top-10-best-films-about-freak-shows-and-circuses-cover2.jpg>

De acordo com Toni Marques (1997), a primeira pessoa tatuada a se apresentar nos *freaks shows* foi o irlandês James F. O’Connell. Após passar alguns anos na Micronésia adquirindo as suas tatuagens com os nativos, O’Connell retorna para a América do Norte e expõem o seu corpo tatuado como uma atração exótica, é a possibilidade de mostrar através das tatuagens a cultura de uma sociedade do outro lado do mundo. Porém o tatuado que obteve maior fama nos “shows de horrores” foi um grego que utilizava o nome artístico de “Capitão Constantino”, seu corpo possuía 388 imagens de animais fantásticos. Constantino afirmava ter sido tatuado contra a sua vontade, por uma tribo chinesa de mongóis (ARAUJO, 2010). A figura 21 mostra um dos cartazes expostos pela Europa anunciando o Capitão Constantino como atração de circo.

Figura 21 – Capitão Constantino

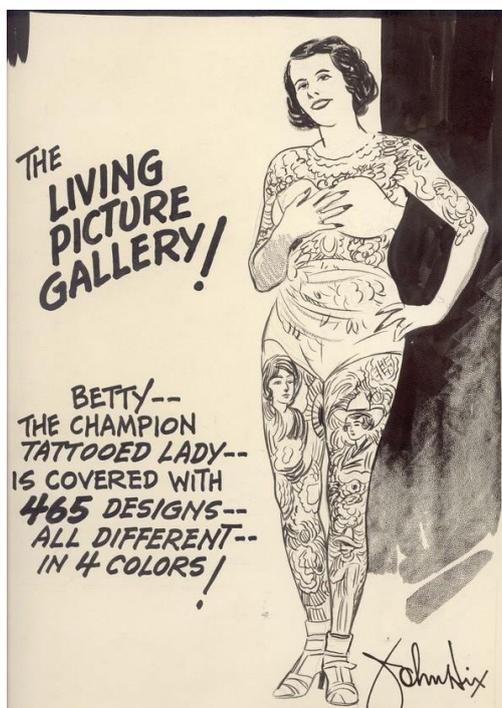
Fonte: <http://images.fineartamerica.com/images-medium-large-5/captain-constentenus-khines.jpg>

Vários outros indivíduos que possuíam o corpo completamente tatuado apresentaram-se em *freaks shows* durante os séculos XIX e XX. Esses espetáculos tinham a finalidade de entreter o restante da sociedade que era considerada “normal” – o estabelecimento do que vem a ser ou não normal em uma sociedade é criado por uma maioria dominante na mesma, esses estabelecem o que deve ou não ser “normal”. A sociedade norte americana do século XIX julgou necessário estabelecer o que seria um corpo “normal”. Segundo Pires (2005), uma forte depressão econômica estava marcando o período, assim também como uma crescente miscigenação cultural devido ao aumento migratório. Foi preciso estabelecer a dignidade nacional e a estima dos cidadãos da época, valorizar a maioria dos indivíduos dessa sociedade e o instrumento utilizado para isso foi o corpo.

Os americanos, inicialmente apenas os do sexo masculino, buscando readquirir a imagem de força e virilidade, começam a moldar seus corpos por intermédio de exercícios praticados com pesos, que produzem o aumento da massa muscular. Corpos musculosos e depilados (a ausência de pelos evidencia as formas adquiridas) eram exibidos em espetáculos, revistas e concursos (PIRES, 2005, p. 56).

Além dos corpos “anormais” dos tatuados, a sociedade julgava necessário estabelecer um modelo de virilidade e força, era necessário fazer a diferenciação do que era “normal”, bonito e aceito pela sociedade e o que não era. As mulheres surgem, a partir do século XX, nesse meio das apresentações com uma mensagem diferente a ser transmitida. Segundo Araujo (2010), as apresentações das mulheres com corpos tatuados transformaram as aberrações em beleza, pois seus corpos tatuados encantavam mais do que chocavam. Essas mulheres geralmente eram casadas com tatuadores e sediam seus corpos como telas para a arte de seus companheiros. Podemos ver na figura 22, um cartaz que anunciava uma apresentação de Betty Broadbent, conhecida como a “*Lady Tattoo*”, as tatuagens em seu corpo são comparadas com arte, o cartaz a identifica como um quadro de uma “galeria de arte viva”.

Figura 22 – Lady Tattoo (1909-83)



Fonte: <http://rattatattoo.com/wp-content/uploads/2015/03/This-poster-from-the-1930s-features-tattooed-lady-Betty-Broadbent-calling-her-the-Living-Picture-Gallery.jpg>

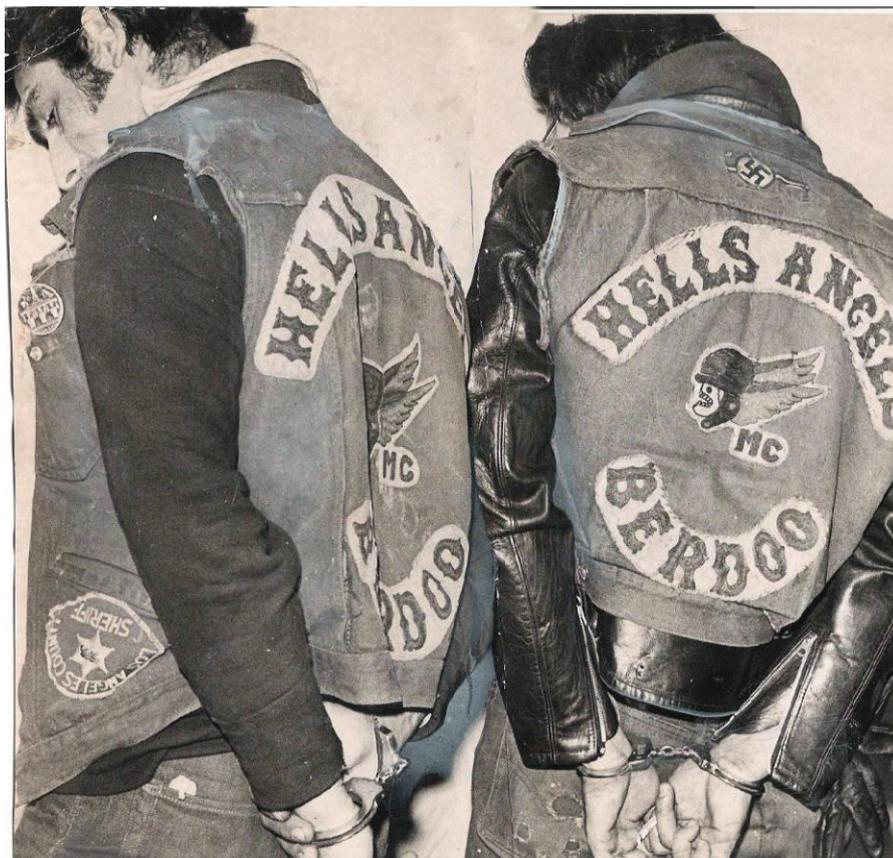
A partir dos corpos tatuados das mulheres a tatuagem começa a ser percebida por alguns como arte, como algo belo. Avançando um pouco no tempo chegamos ao século XXI e torna-se possível perceber através do estabelecimento de certas “tribos urbanas”, como o ato de se tatuar nos dias atuais foi sendo construído.

Conforme relata Araujo (2010) após a Segunda Guerra Mundial alguns soldados que lutaram na mesma retornam para os Estados Unidos e trazem consigo o peso da guerra em suas costas, vivências difíceis de serem esquecidas, isso faz com que fique difícil para esses indivíduos retomarem a vida cotidiana de antigamente. Esses jovens criam clubes de motoqueiros, com regras próprias e em alguns casos até infringindo a lei, passam a utilizar símbolos como caveiras e abutres em suas jaquetas de couro e em tatuagens nos seus corpos.

As motocicletas, as jaquetas de couro, os desenhos mórbidos e as tatuagens deixavam claro através desse novo estilo de vida que estava sendo criado o descontentamento desses jovens com a sociedade da época. Alguns desses clubes tornaram-se tão populares que seu estilo de vida atravessou continentes e estabeleceu filiais em diversos países. As tatuagens feitas nesses clubes de motoqueiros são geralmente o nome do clube e da filial, assim também como o desenho que representa o clube. A tatuagem permanece para todo o resto da vida do indivíduo em sua pele, a ligação do membro com o seu clube também deve perdurar por toda a sua vida.

O desejo de uma vida livre e rude nas estradas estimulou gangues violentas de *bad boys*, como os *Hell's Angels* (Anjos do Inferno) – tema de filme nos anos 1960 -, assim como outras tribos que apenas pregavam a liberdade sobre rodas (ARAUJO, 2010, p. 66).

Figura 23 – Motoqueiros “Hell’s Angels”



Fonte: <http://thirstforbdsdknowledge.blogspot.com.br/2013/07/hollister-drinking-club-with-motorcycle.html>

A próxima “tribo urbana” a se estabelecer, durante os anos 1960, foram os *hippies*. Assim como os motoqueiros, os *hippies* possuíam ligações com o período de guerras, muitos protestaram contra o fim da guerra no Vietnã utilizando-se de símbolos da paz, do amor e de flores. Os *hippies* pregavam a ideia de que o mundo deveria voltar a ser uma grande tribo em paz com a natureza (ARAUJO, 2010). Conforme relata Pires (2005), a cultura *hippie* juntamente com a contracultura, a revolução sexual e o ideal de sociedade alternativa foram os responsáveis por grandes mudanças nas artes. Foram esses movimentos que quebraram as formas tradicionais de representação da arte – pintura, escultura e desenho. A ideia de corpo também foi recriada pelo movimento *hippie*, o corpo passa a ser visto como um espaço de reterritorialização. Segundo Marques (1997), foram os *hippies* que também provocaram mudanças no estilo de se tatuar.

Tinha início a *little tattoo era*, isto é, a moda das tatuagens pequenas, os carimbos: cogumelos, sol, lua e estrelas, flores, borboletas, braceletes, anéis, duendes e fadas. O poder jovem recusou até a tatuagem dos adultos, que na América era tradicionalmente média ou grande (MARQUES, 1997, p. 73).

O estilo de vida calmo e delicado dos indivíduos pertencentes ao movimento *hippie* fez com que as tatuagens de seus corpos também adquirissem essas características. As mensagens que eram transmitidas através das tatuagens dos *hippies* eram também uma forma de protesto contra o mundo violento em que viviam, uma forma de exteriorizar as ideias de paz e amor em suas peles através das tatuagens. O corpo era um suporte vivo que dizia incansavelmente: paz e amor.

Os jovens negros, inicialmente nascidos entre os anos 1960 à 1980, passam a se expressar através do *Hip Hop*. Segundo Araujo (2010), o movimento *Hip Hop* se manifesta por meio da cultura negra das periferias marginalizadas, os jovens que fazem parte do movimento *Hip Hop* utilizam para se expressar: *rap*, grafite e dança. A geração *Hip Hop* teve o seu início nos Estados Unidos da América, mas com o passar dos anos espalhou-se por todo o mundo. O movimento jovem negro denuncia através da sua arte o racismo das sociedades em que esses indivíduos estão inseridos, a violência policial e as condições carcerárias. Assim como os outros movimentos jovens citados anteriormente, o movimento da juventude negra se utiliza da tatuagem para se expressar. Sobre as condições de vida desses jovens, Araujo (2010, p. 70) afirma “isso fez ressurgir a função da tatuagem – quer como diário de vida dos detentos, quer como símbolo religioso e de protesto”.

A tatuagem teve os seus traços influenciados por esses movimentos jovens, traços que perduram até os dias de hoje e não apenas os estilos de tatuagens, mas os clubes de motoqueiros, as comunidades *hippies* e a cultura *Hip Hop*.

Hoje em dia diversos estilos de tatuagens são realizados, segundo Marques (1997), os principais estilos são o tradicional (chamado atualmente de *old school*, são as tatuagens que relembram o estilo das primeiras tatuagens dos marinheiros e contam com desenhos estilizados de dragões, sereias, caveiras, mulheres, punhais, corações, rosas, serpentes, caravelas e etc.), o estilo tribal (inspirado principalmente nas tatuagens realizadas na ilha de Bornéu, mas também da tribo Maori e dos havaianos), o estilo céltico (é baseado em entrelaçamentos abstratos arrematados por

imagens figurativas típicas da cultura celta), o estilo oriental e o estilo realista (abrange a reprodução de qualquer imagem, personagens de filmes e livros, animais, paisagens e etc.). As técnicas e os estilos de tatuagem não param de ser inventadas, assim como a sociedade é mutante as tatuagens e as formas de realiza-las também o são.

4 A INFORMAÇÃO

A informação é um conhecimento registrado em forma de escrita em um suporte (LE COADIC, 2004). Em sua obra clássica *La Science de l'Information*, publicada originalmente no ano de 1994, Yves-François Le Coadic define a informação.

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento de linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação. (LE COADIC, 2004, p. 4)

Para as autoras Arruda e Chagas (2002, p. 117) a informação é “Todo e qualquer elemento referencial contido num documento. Dados que foram modificados para uma forma significativa e útil para os seres humanos.” Um dado se transforma em informação a partir do momento em que esse dado adquire alguma relevância ou significado para o indivíduo, portanto a informação tem o objetivo de passar um significado, assim como afirma Le Coadic (2004, p. 5), “[...] o objetivo da informação permanece sendo a apreensão de sentidos ou seres em sua significação [...]”.

Igualmente Cunha (2008, p. 201), define a informação como um “Registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão”. O autor também nos expõe uma visão mais ampla sobre o que vem a ser a informação e como ela pode ser utilizada e expressa de diversas formas.

Com a informação podem-se realizar diversas operações, tais como: criação, transmissão, armazenamento, recuperação, recepção, cópia (em diferentes formas), processamento e destruição. A transmissão da informação é feita numa grande variedade de formas, entre as quais se incluem: luz, som, ondas de rádio, corrente elétrica, campos magnéticos e marcas sobre o papel (CUNHA, 2008, p. 201).

É importante lembrarmos que estabelecer apenas uma única definição para a informação pode ser simplista. A informação é muito complexa e pode desenvolver mais de um significado dependendo dos indivíduos que a interpretam e da utilização que lhe é dada. Assim como afirma Marlene de Oliveira, (2011, p. 18).

Em primeiro lugar é preciso esclarecer que, na ótica da Ciência da Informação, o objeto “informação” é uma representação. Como é uma representação de conhecimento, que já é uma representação do real, ela se torna uma representação da representação. Por isso, a informação é um objeto complexo, flexível, mutável, de difícil apreensão, sendo que sua importância e relevância estão ligadas ao seu uso.

A informação, portanto possui algumas definições clássicas que foram expostas neste trabalho. Através dessas definições pode-se notar que a informação pode adquirir diversos significados de acordo com o indivíduo que a interpreta e possui também diversas formas de ser expressa. A informação pode adquirir qualquer forma, sejam elas signos linguísticos, imagens ou sons. Pode ser capaz de transmitir inúmeros significados para diversos indivíduos e sempre por meio de algum suporte físico, seja ele o papel, o meio eletrônico ou até mesmo a pele do corpo humano. O tópico a seguir irá estabelecer um conceito de suporte da informação e traçar um breve histórico sobre esses suportes já utilizados pela humanidade ao longo dos séculos.

4.1 Os tipos de suportes da informação

Para que a informação possa ser transmitida é necessário que ela esteja inserida ou registrada em um suporte. Assim como existem diversos tipos de informações, existem também diversos suportes para essas informações, assim como afirma Marlene de Oliveira (2011, p. 19)

A informação de que trata a Ciência da Informação não se restringe a documentos impressos, pode ser percebida em conversas entre cientistas e outros tipos de comunicação informal. Ela se apresenta também em uma inovação para o setor produtivo, na forma de patente, fotografia ou objeto, no registro magnético de bases de dados, numa biblioteca virtual ou repositório na internet.

Podemos perceber, cada vez com mais clareza, que a informação pode ser mutante assim como os seus suportes. A palavra “documento” empregada por Marlene de Oliveira (2011) possui um significado mais amplo do que aparenta ter, conforme a definição de Le Coadic (2004, p. 5),

Documento é o termo genérico que designa os objetos portadores de informação. Um documento é todo artefato que representa ou expressa um objeto, uma ideia ou uma informação por meio de signos gráficos ou icônicos (palavras, imagens, diagramas, mapas, figuras, símbolos), sonoros e visuais (gravados em suporte de papel ou eletrônico). O documento, segundo o tipo de suporte, é denominado documento em papel ou documento eletrônico.

Um documento pode assumir diversas formas e o que o caracteriza é o fato de carregar uma informação. Segundo esse conceito de documento apresentado por Le Coadic (2004), podemos afirmar que o corpo pode se tornar um documento, pois pode ser um portador de informações ou ideias, podendo ser expressas por meio de símbolos gráficos ou icônicos.

É possível identificarmos dois tipos de suportes da informação, os suportes convencionais (livros e periódicos em papel) e os suportes não convencionais (filmes, discos, fitas cassetes, diapositivos, programas de computadores, CDs, DVDs, fotografias, microformas, mapas, globos, partituras e artefatos tridimensionais), também chamados de materiais especiais e multimeios (PAZIN, 1993). É possível visualizarmos que os suportes convencionais se encontram em sua maioria no suporte impresso em papel e os não convencionais em diversos outros suportes como fitas magnéticas, plástico, madeira, cerâmica, acrílico (CAMPELLO; CALDEIRA, 2008) e até mesmo o corpo humano.

Para Vergueiro (2010, p. 26), os materiais considerados especiais também incluem as publicações periódicas.

São materiais especiais ou multimeios todos os materiais de biblioteca, à exceção dos livros. Assim, aqui se incluem os periódicos em geral (revistas especializadas, jornais, etc.), os materiais audiovisuais (filmes, discos, fitas cassetes, diapositivos, etc.) e as novas tecnologias (DVDs, programa de computador em CDs, etc.).

Ao falarmos dos tipos de suportes da informação é necessário falarmos da evolução da comunicação dos homens por meio da linguagem escrita, pois juntamente com ela que os tipos de suportes foram se modificando ao longo dos séculos. Antes mesmo de o surgimento da escrita fonética como conhecemos nos dias atuais, pinturas rupestres do período pré-histórico já existiam em cavernas e

grutas, fixadas nas rochas por meio da escrita pictográfica (MARTINS, 1998). O suporte nesse período eram as rochas e paredes das grutas e cavernas.

Outro tipo de escrita utilizada pelos povos Incas e Iroqueses era o sistema mnemônico. O sistema mnemônico utilizado pelos Incas chamava-se *quipos* e o utilizado pelos Iroqueses denominava-se *wampum*, eram cordões de fios de lã compostos por diversas cores e com nós ou conchas ao longo desses fios. “O ‘princípio’ do *wampum* é o mesmo do dos *quipos*; sua significação repousa nas cores das conchas e nas figuras formadas: assim, por exemplo, um machado significa guerra.” (MARTINS, 1998, p. 39).

Um grande passo é dado na evolução da escrita quando o homem se torna capaz de substituir a imagem visual pela sonora, nasce a escrita fonética. A escrita fonética pode ser dividida entre as categorias alfabética e ideográfica (MARTINS, 1998).

A ideografia começou por representar os objetos por um sinal que os interpretasse graficamente e as idéias por outros sinais adequados. Os tipos clássicos de escrita ideográfica são o chinês, os caracteres cuneiformes e os hieróglifos (MARTINS, 1998, p. 41).

A escrita fonética alfabética possui a função de interpretar a língua falada, o som. Não se sabe ao certo que civilização criou o alfabeto, mas existem algumas especulações quanto as civilizações fenícia, semita e egeia (MARTINS, 1998). Após a fixação da utilização da escrita fonética alfabética, os suportes em que ela foi registrada ao longo dos séculos foram criando forma e se estabelecendo.

O primeiro suporte da escrita a ser utilizado foi o barro. O barro era colocado em moldes e levado a secar ao sol, as inscrições eram feitas com metais ou ossos sobre o barro ainda úmido (CAMPOS, 1994). “As lajotas de barro das bibliotecas mesopotâmicas, com sua escrita cuneiforme, são consideradas os mais remotos ancestrais do livro” (CAMPOS, 1994, p. 23).

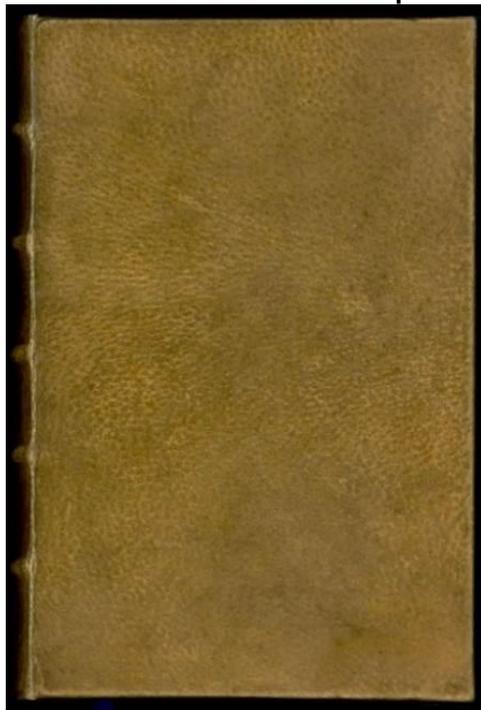
Do reino vegetal além da utilização da madeira e o bambu como suporte da informação, surge o papiro as margens do rio Nilo no Egito. Utilizado principalmente pelos egípcios o papiro era feito com as fibras do caule da planta umedecidas com a água turva do rio Nilo e colocadas em camadas superpostas. As folhas eram levadas ao sol para secar e depois eram unidas novamente com cola de farinha (MARTINS,

1998). Com o passar dos anos, o papiro foi ficando cada vez mais escasso e a sua importação cada vez mais penosa devido às guerras que ocorriam na região. Do reino vegetal para a utilização do reino animal, começam a ser utilizados os pergaminhos feitos de peles de animais.

Os mais antigos monumentos em pergaminho, atualmente existentes, datam do III século da nossa era: são uma *República*, de Cícero, e um *Virgílio*, ambos da Biblioteca Vaticana. Do IV ao XVI séculos, [...] o pergaminho foi o material mais comumente empregado na escrita; na França, do IX ao XII séculos, é apenas o pergaminho que se emprega nos livros e atos (MARTINS, 1998, p. 65).

A utilização do pergaminho como suporte da informação durante tantos séculos da nossa história é um ponto importante para o desenvolvimento desse trabalho. O pergaminho nada mais era do que o couro de um animal curtido, nessas peles foram gravadas diversas informações. Através da sua pele, o corpo humano também pode ser capaz de se tornar um suporte da informação. Martins (1998, p. 64), afirma que “Ao que parece, no período do terror, na Revolução Francesa, curtiram-se muitas peles humanas para os mais diversos fins, como *culottes*, botas, chinelas e livros”. Diversos bibliófilos afirmam existir livros feitos com pele humana, em uma das bibliotecas da Universidade de *Harvard* é possível encontrar um livro impresso na França, durante o século XIX, que possui sua capa encadernada com pele humana (DARAYA, 2014).

Figura 24 – Livro encadernado com pele humana



Fonte: Houghton Library.

O corpo humano também possui a possibilidade de se assemelhar a um livro, pois segundo Fonseca (1992, p. 37), “Para que exista livro, é indispensável que haja ‘dizeres escritos’ [...]”. A expressão “dizeres escritos” não se restringe apenas aos signos linguísticos que conhecemos nos dias atuais, como vimos anteriormente a escrita pode ser fonética ou ideográfica e a informação pode ser qualquer coisa que transmita um significado. A utilização da pele como um suporte da informação é possível, seja ela utilizada enquanto o ser humano ainda possuir vida ou após a sua morte, assim como idealiza Oliveira, E. (2014),

[...] numa sociedade tão vulnerável à falta de verdade, de ética e de sinceridade, talvez um dos poucos redutos sagrados, onde se escreve aquilo que realmente se acredita, seja o nosso corpo. O conceito Livro vivo é isso, nosso registro pessoal e único tatuado em nossa pele, sejam imagens, textos ou signos arquetípicos, que de alguma maneira nos tocam e que irão conviver por muitos anos conosco. Este conceito não termina com nossa derradeira transformação, pois ele pode ser perpetuado pela “antropotaxidermia” [...] onde nosso livro pessoal ficaria exposto à visitação ou guardado em um local sagrado.

Já sabemos que em um passado não muito distante a pele humana foi utilizada para registrar informações e encadernar livros e até outros objetos. Não podemos descartar a ideia de Érlon Jacques de Oliveira (2014), onde em um futuro próximo

talvez a “antropotaxidermia” seja uma realidade. E quem sabe as peles humanas tatuadas possam ser curtidas e transformadas em livros no mesmo formato em que os conhecemos nos dias atuais? Assim como os corpos humanos tatuados são capazes de assemelham-se a livros vivos ambulantes.

Após a utilização de peles do reino animal como o suporte da informação, é novamente a vez do reino vegetal voltar a cena dos suportes e dessa vez para ficar um longo período. O papel surge na China, mais precisamente no ano de 213 a.C. Inicialmente surge o “papel de seda”, esse papel era feito com pedaços de tecidos e fios de seda. Esses trapos de panos ficavam submersos na água durante um tempo e o processo natural de “apodrecimento” do tecido fazia com que as fibras se desintegrassem formando uma pasta, essa pasta era levada para secar ao sol e o papel de seda estava pronto para ser utilizado (MARTINS, 1998).

Acredita-se que os chineses tenham descoberto essa técnica por acaso – será? Assim como o também chinês Ts'ai Lun acabou inventando o papel de celulose. Ts'ai Lun substituiu os trapos de tecidos por cascas de plantas, algodão ou redes de pescas usadas, sua técnica foi aprimorada, mas segue sendo utilizada até hoje. Os formatos dos suportes da informação foram os mais diversos desde os tabletas de barro, rolos de papiro, pergaminhos e os codex (MARTINS, 1998).

Após fazermos essa breve viagem na história dos suportes da informação é necessário voltarmos ao presente e até mesmo irmos ao futuro. Nos dias atuais a utilização do papel e do livro em diversos tamanhos e formatos estão bem consolidados em nossa sociedade. A utilização do papel como suporte da informação é predominante, porém com os avanços tecnológicos da área de informática a informação passa a ser transmitida em grande quantidade também pelo suporte digital. Atualmente aquele conceito de documento proposto por Le Coadic no ano de 1994, não é mais tão pertinente a nossa realidade. O conceito de documento foi revisto e reelaborado.

De um ambiente onde predominava o papel, ligado às técnicas e fórmulas de expressão da palavra escrita, passou-se a considerar como ‘documentos’ instrumentos, objetos, prédios, vestuários, alimentos, ou seja, tudo quanto se possa revelar como portador de significados. Documento não é mais somente aquilo que é legível na forma da palavra escrita: o documento é fruto da capacidade do pesquisador para interrogar um material [...] (TAMMARO; SALARELLI, 2008, p. 3).

O conceito de documento proposto por Le Coadic é pertinente quanto à afirmação de que os suportes da informação podem adquirir inúmeras formas, mas a diferença desse conceito atualizado é que a leitura ou interpretação de um documento dependerá do indivíduo. Pode ser que nossa sociedade contemporânea não seja capaz de identificar algum artefato histórico como um documento, pois não compreendemos a sua significância. Segundo Tammaro e Salarelli (2008, p. 6), “Um suporte material qualquer adquire dignidade documental no momento em que um dos três atores do processo informativo (produtor, mediador, leitor) o reconhece como portador de dados”.

Portanto, se somos capazes de compreender o digital podemos identificar a existência de documentos digitais, assim como afirmam Tammaro e Salarelli (2008, p. 6),

Se todos os materiais, pelo menos potencialmente, podem vir a fazer parte do universo documentário, desde que possam ser lidos e interpretados, devem possuir, para serem definidos como digitais, uma característica adicional e fundamental: sua numerabilidade. Um material submetido a digitalização é um material reduzido a números.

Os documentos digitais estão cada vez mais ganhando o seu espaço como um tipo de suporte da informação. O objeto digital ainda está em atualização e em processo de obter credibilidade em nossa sociedade, acredito que em um futuro não muito distante o suporte digital será igualmente considerado um dos outros suportes convencionais da informação. Com certeza podemos afirmar que os suportes da informação ao longo da história tiveram várias origens; mineral, vegetal e animal, com formatos e tamanhos diversos. Não podemos dizer que os suportes evoluíram com o passar do tempo, mas sim que cada um desempenhou satisfatoriamente a sua utilidade de acordo com a sua realidade. Desde as rochas aos livros digitais, todos possuem grande importância na história da informação e de seus suportes.

4.2 A tatuagem como informação

A representação de algo em forma de tatuagem sempre produz uma imagem e a percepção dessa imagem gera uma informação. Segundo Lucia Santaella e Winfried Nöth (2012) o campo das imagens encontra-se dividido em dois domínios:

representação visual e representação mental. A representação visual abrange desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, imagens cinematográficas e televisivas, holo e infográficas que visualizamos durante o dia-a-dia. Na representação mental das imagens elas aparecem como visões, fantasias, imaginações, esquemas ou modelos em nossa mente. Esses dois domínios da imagem estão sempre interligados, pois no processo de criação da representação de uma imagem visual esta foi antes idealizada mentalmente.

A imagem foi utilizada como forma de comunicação entre os homens muito antes do surgimento da escrita, a imagem transmite uma ideia, uma informação. Para que a imagem possa sair do campo mental e entrar no campo visual é necessário que ela seja representada. A semiótica é a encarregada de estudar essas representações (imagens, signos, símbolos e sinais), podemos dizer que a semiótica é a “teoria geral das representações”. Representar algo é o processo de apresentação por meio de signos (SANTAELLA; NÖTH, 2012). Para que um signo represente algo é necessário que ele estimule alguma coisa já presente na consciência do indivíduo. Nem sempre toda imagem que é representada visualmente é capaz de ser compreendida por todos, isso pode ocorrer com as tatuagens. Cada indivíduo atribui à imagem da sua tatuagem um significado, além do significado universal que aquela imagem possa passar, uma única tatuagem é capaz de possuir diversos significados. Uma tatuagem de um gato representa inicialmente o animal gato, mas para o indivíduo que a possui pode significar a expressão do seu amor pelos felinos e para qualquer outra pessoa que a veja o significado atribuído pode ser distinto.

De acordo com Kevin McGarry (1999), a informação precisa ser ordenada, estruturada ou contida de alguma forma ou permanecerá sem utilidade. A informação precisa ser representada por meio de algo, inserida em algum suporte, é necessário que essa representação de alguma forma possa ser compreendida.

A informação, portanto, deve ter alguma forma de *veículo*. Este veículo deve possuir um atributo essencial para que possa ser compreendido pelo receptor. Deve ser **discriminável**. Em palavras mais simples, é preciso que o receptor possa distingui-lo dos fenômenos que o cercam; trata-se de um **evento**. Existem três classes de veículos para a transmissão de informações: sinais, símbolos e signos (MCGARRY, 1999, p. 12).

As tatuagens são representações gravadas na pele em forma de imagens, símbolos ou signos linguísticos, essas representações inegavelmente transmitem uma informação. O ato de se tatuar é construído culturalmente, assim como o significado atribuído a cada tatuagem. Definitivamente podemos afirmar que a tatuagem é mais um dos diversos meios que a informação se utiliza para passar uma mensagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tatuagens estão presentes na história da humanidade há milhares de anos, em diversas sociedades ao redor do mundo transmitindo inúmeras informações. Ao sabermos disso, como não pensar no corpo humano como um suporte da informação não convencional? E como não considerar a tatuagem uma informação gravada na pele? São esses os principais questionamentos que o trabalho expôs ao longo do seu desenvolvimento. Essa é a inquietação que o trabalho pretende trazer.

Vimos que o corpo é uma construção social, ele é aprimorado e adaptado de acordo com o que a sociedade exige para que o indivíduo portador desse corpo possa viver na mesma. De acordo com a sociedade em que este indivíduo estiver inserido o seu corpo poderá ser obrigado a receber uma tatuagem durante a sua passagem da infância para a adolescência, representando na pele a marca dessa transação. Outra pessoa inserida em uma sociedade diferente poderá optar por tatuar o seu corpo apenas quando completar a sua maioridade. As tatuagens e as formas como elas são feitas são construídas social e culturalmente juntamente com os corpos.

Sabemos que quando uma tatuagem é realizada uma informação está sendo transmitida. A mensagem que a tatuagem pode passar nem sempre será compreendida por todos, para que qualquer dado possa tornar-se informação é necessário que o receptor atribua-lhe algum significado. Por exemplo, uma tatuagem de um personagem de uma história em quadrinhos nacionalmente conhecido, gravada no corpo de um indivíduo inserido na sociedade brasileira, pode não possuir o mesmo significado para um indivíduo pertencente à sociedade japonesa, pois ele provavelmente não possui conhecimento sobre o personagem, portanto o significado atribuído inicialmente por quem tatuou não será reconhecido por quem a vê.

Se a Biblioteconomia encarrega-se de disseminar, armazenar e tratar a informação não importando em que suporte ela estará inserida e se as tatuagens são informações gravadas na pele do corpo humano, podemos afirmar que o corpo é o seu suporte. O corpo humano vai além de se tornar um suporte não convencional da informação, o corpo seria um suporte vivo da informação. Os corpos tatuados estão habitando cada vez mais a nossa sociedade, esses suportes vivos transbordam informações, é preciso que haja um despertar para o pensamento de que esses

corpos também são suportes da informação e que poderão, quem sabe, ser tratados pela Biblioteconomia.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. 1. reimp. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 88 p.

ARRUDA, Susana Margaret de; CHAGAS, Joseane. **Glossário de Biblioteconomia e Ciências afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002. 229 p.

ARTE no corpo. Do que é feita as tintas das tatuagens? 2012. Disponível em: <<http://www.artenocorpo.com/147/do-que-esta-feita-a-tinta-das-tatuagens>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (Org.). **Introdução às Fontes de Informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 184 p.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 240 p. (Série Revisão).

CARVALHO, José Ignácio. **Tatuagem e criminalidade**. 1912. Tese (Doutorado em Medicina)-Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1912.

COUTO, Edvaldo Souza; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpos mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 183 p.

CUNHA, Murilo Bastos da. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2008. 451 p.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. 105 p. (Coleção Corpo e Motricidade).

DARAYA, Vanessa. Harvard descobre livro de sua biblioteca feito com pele humana. **INFO Online**, São Paulo, jun. 2014. Seção de notícias da categoria Ciências. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/ciencia/2014/06/harvard-descobre-livro-de-sua-biblioteca-feito-com-pele-humana.shtml>>. Acesso em: 19 out. 2014.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992. 153 p.

HALL, Stephen S. Unfrozen: There was only one way scientists could unlock the mystery of the famous Iceman. Take away his ice. **National Geographic**, nov. 2011. Disponível em: <<http://ngm.nationalgeographic.com/2011/11/iceman-autopsy/hall-text>>. Acesso em: 20 out. 2014.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 407 p.

_____. **A Sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 101 p.

_____. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003. 240 p.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004. 124 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. p. 11-46.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das letras, 1989. 294 p.

MARQUES, Toni. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 246 p.

_____. Questão de pele: pinturas indígenas, cicatrizes dos escravos, moda de marinheiros. A tatuagem fez história no Brasil. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 40, 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/questao-de-pele>>. Acesso em: 30 set. 2014.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998. 519 p. (Série Temas, 49).

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. 536 p.

MCGARRY, Kevin. **O contexto dinâmico da informação**: uma análise introdutória. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

OLIVEIRA, Érlon Jacques de. **Publicação Eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <suelen_biblio@hotmail.com>. Em 24 set. 2014.

OLIVEIRA, Francine. **Origens da máquina elétrica de tatuar**. 2013. Disponível em: <<http://www.portaltattoo.com/noticias/VerNoticia.aspx?c=224>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

_____. **A origem da tatuagem na Yakuza**. 2012. Disponível em: <<http://www.tattootatuagem.com.br/significados/2263/a-origem-da-tatuagem-na-yakuza/>>. Acesso em: 2 maio 2015.

OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia**: novos conteúdos e espaços de atuação. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. 139 p.

PAZIN, Rosina Alice. **Indexação de multimeios**. 2. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 1993. 50 p.

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**: piercing, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: Senac São Paulo, 2005. 181 p.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. 6. reimp. São Paulo: Iluminuras, 2012.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Corpo e História**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. cap. 1, p.3-23. (Coleção educação contemporânea).

SILVA, Sergio Baptista da. Dualismo e cosmologia Kaingang: o xamã e o domínio da floresta. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n. 18, 2002. p. 189-209.

_____. Nomes e performances: fabricando corpos Kaingang. In: SILVEIRA, Eliane da; OLIVEIRA, Lizete Dias de (Org.). **Etnoconhecimento e saúde dos povos indígenas do RS**. Canoas: Ulbra, 2005. p. 89-100.

TAMMARO, Anna Mari; SALARELLI, Alberto. **A Biblioteca Digital**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008. 378 p.

TOFFOLLI, Rodrigo de Oliveira. Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica. **Estudos Semióticos**, n. 1, São Paulo, 2005. Disponível em: <www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em: 15 out. 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Seleção de materiais de informação**. 3. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2010. 120 p.